

EM GUARDA

ANO 4

Para a defesa das Américas

N. 10

A ESTÁTUA DA LIBERDADE, NO PÔRTO DE NOVA YORK, SÍMBOLO DE LIBERDADE PARA TODOS OS POVOS DO MUNDO



O maior avião do mundo, "Mars," voando majestoso sôbre a ponte de Golden Gate, em San Francisco, California



ALCANÇADA a nova era de liberdade pelas armas aliadas em retumbante vitória, o mundo entrega-se, sofregamente, aos labores da paz para que possa a humanidade inteira beneficiar-se dos tremendos sacrifícios causados pela maior de todas as guerras.

Foi uma vitória ganha sobre as forças da agressão pelo magno poder de coesão de todas as nações pacíficas do mundo. Grandes e pequenas, estas nações contribuíram, cada qual na extrema medida de suas forças — a China, a Tchecoslováquia, a França, Rússia, as repúblicas americanas e tantas outras.

Apesar de, na maioria, estarem mal preparadas para suportar o embate agressivo, seus povos, não obstante, conseguiram elevar-se à altura das necessidades, primeiro estancando os desígnios dos covardes supostos conquistadores do mundo, depois empenhando-se com inexcusável afiço na luta até à vitória total.

Esta foi a maior aliança de todos os tempos, firmada na causa sagrada da liberdade, no supremo princípio dos direitos humanos. Foi uma luta de vida e morte pela restauração da lei e da ordem; da igualdade entre as nações, grandes e pequenas, e, finalmente, pelo restabelecimento do direito que cabe a todos os povos de viverem a sua própria vida.

Duas vezes no decurso de uma geração os Estados Unidos e as demais nações do Novo Mundo aliam-se a outras nações pacíficas na defesa de seus direitos. Ligadas numa causa comum, demonstraram a capacidade dos povos livres de se organizarem para combater a tirania, sobrepujando em valor e denodo os povos arregimentados.

A grande aliança assim formada continua agora em condições de produzir, na paz, uma era de maior prosperidade e de progresso, se as nações que constituem essa aliança dedicarem-se com a mesma firmeza de propósito à criação de um mundo melhor para todos os povos.

Este é o repto que a paz encerra; e os povos, em toda parte, exaustos das canseiras, dos sofrimentos e sacrifícios da guerra mostram-se ansiosos, cheios de esperança ao encetarem a obra da paz que ora desponta com o advento da vitória.

A rendição incondicional do Japão foi justo motivo de regosijo nas nações aliadas e no mundo neutro. Estava terminada a segunda guerra mundial; mas neste fim de hostilidades havia também causa bastante para uma resolução, qual a de o tornar um fim que viesse pôr termo a todas as guerras.

A formidável bomba atômica, arma da vitória, revolucionou o pensamento humano com relação ao futuro. A ciência, de um salto, ultrapassou todos os limites anteriores do conhecimento humano. E se houver ainda a hecatombe de mais uma guerra, certo não haverá mais distinção entre vencedores e vencidos, porque a civilização não poderá sobreviver aos seus calamitosos efeitos.

O objetivo de manter a paz — a paz universal — torna-se assim a preocupação mais vital da humanidade. O instrumento destinado a mantê-la é a organização elaborada em San Francisco com a participação de cinquenta Nações Unidas mesmo antes de haver a bomba atômica revelado toda a sua fúria contra Hiroshima e pasmado o mundo inteiro nos derradeiros dias da guerra.

Esta tremenda arma de destruição foi usada apenas duas vezes, e contra centros industriais e militares japoneses. Foi empregada para apressar o fim da guerra, pois o Japão já estava desesperadamente vencido. Contudo, conforme observou Winston Churchill, foram poupadas um milhão de vidas de combatentes americanos e um quarto de milhão de vidas de combatentes britânicos, que, doutra forma seriam sido sacrificadas. A bomba atômica salvou, portanto, inúmeras vidas ao reduzir a dura-

(Continua)

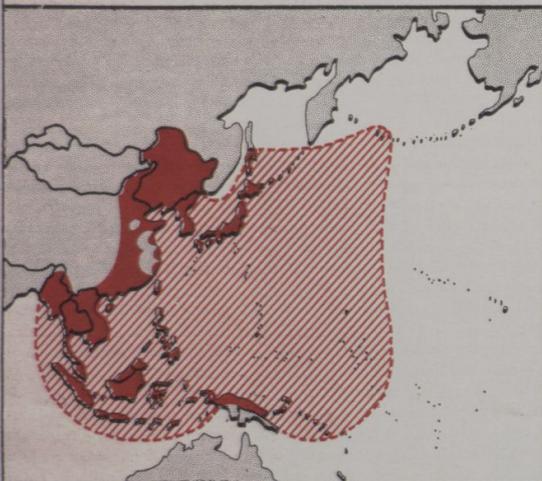
O general Yoshira Umeza, um dos mais ativos expoentes do militarismo japonês, firma o documento de capitulação em nome do estado-maior imperial

A PAZ E A NOVA ERA DE LIBERDADE

EM GUARDA, revista publicada mensalmente para o BUREAU DE ASSUNTOS INTERAMERICANOS, 499 Pennsylvania Ave., N. W., Washington, D. C., pela Business Publishers International Corporation. Redação: 330 West 42nd Street, cidade de Nova York, Estados Unidos da América. Oficinas: 5601 Chestnut Street, Filadélfia, Estado de Pensilvânia, Estados Unidos da América. Classificada como impresso de segunda classe na Repartição dos Correios de Filadélfia, a 8 de Abril de 1941, de acordo com o que dispõe a lei de 3 de Março de 1879. Ano IV, Número 10. Copyright 1945 by Business Publishers International Corporation—propriedade literária registrada em 1945 pela Business Publishers International Corporation.



Por meio de ardis e conquistas o Japão já havia se alastrado muito além de suas fronteiras insulares quando lançou o ataque contra Pearl Harbor



No apogeu de seu poder o Japão ocupava no Pacífico possessões dos Estados Unidos, da Inglaterra, China, França, Holanda e Portugal



Segundo os termos da capitulação é assim que ficará reduzido o Japão depois de devolver a seus legítimos donos os territórios anexados



A poderosa Terceira Esquadra dos Estados Unidos, fundeada na baía de Tóquio por ocasião do ato da capitulação. Ao fundo vê-se o famoso vulcão Fusuyama

ção da guerra, mas tornou mais imperativo do que nunca a necessidade do êxito da nova organização para a paz, formada pelas Nações Unidas. E ela só poderá ter bom êxito se todos os interessados comungarem do mesmo intenso esforço necessário para o estabelecimento e execução de normas atinentes a cumprir a lei e firmar o império da ordem sob a qual todas as nações possam verdadeiramente viver em paz e prosperidade. Em vez de ser um instrumento de destruição, a bomba atômica pode tornar-se uma poderosa força para a paz mundial, e foi neste sentido que se comprometeram a cooperar as três nações que contribuíram para produzi-la — os Estados Unidos, a Inglaterra e o Canadá. E, oportunamente, a energia atômica poderá ainda ser convertida em fator dos mais decisivos para o progresso do mundo, a magna obra para qual estão agora livres das exigências da guerra vastos recursos humanos e materiais.

Quadro impressionante

Seis anos de hostilidades bélicas como remate de quase duas décadas de agressão, de medo e de ameaças de guerra; de crise econômica e de desordem política deixaram ao mundo a herança trágica de problemas gigantescos. A destruição espalhou-se por quase todas as partes do mundo, exceto o hemisfério ocidental; o sofrimento humano foi indescritível; milhões de seres humanos ficaram sem lar, sem alimento, desprovidos de muitos dos recursos mais essenciais à vida. E, pelo menos neste primeiro inverno, a privação e o desalento far-se-ão sentir em grande escala na Europa e na Ásia. Mas, inquestionavelmente, esta desgraça teria sido ainda mais calamitosa dada a hipótese de verificar-se mais um inverno de guerra. Agora, apesar de estarem bem vivos os efeitos da carnificina e da destruição, todas as nações poderão iniciar os trabalhos de reconstrução, de amparo aos necessitados e de reconversão de seus recursos e energias para os objetivos da paz que se restaura.

Foi para poupar maior destruição de sua pátria e de seu povo que os japoneses terminaram a inútil resistência. As bombas atômicas lançadas pelas superfortalezas voadoras dos Estados Unidos contra Hiroshima e Nagasaki quase que nivelaram completamente estas cidades. O poder aéreo também fazia sentir-se em seus incolculáveis efeitos com as bombas comuns lançadas contra as indústrias bélicas japonesas. Okinawa, a primeira ilha territorial japonesa a ser invadida, estava sob completo domínio dos aliados; e, prestes a arrojarem-se em fulminante invasão, achavam-se poderosas forças de terra, do ar e do mar. Derrotada totalmente a Alemanha, terminara a guerra na Europa, e o Japão via-se sozinho contra o mundo.

Após três meses da vitória européia, a Rússia reunira-se aos aliados contra o Japão, pronta para apressar a conclusão da guerra. A esquadra japonesa, antes poderosa, estava quase extinta pelo poder aéreo e naval aliado.

Em Potsdam, na Alemanha, durante uma de suas conferências os chefes dos governos dos Estados Unidos, da Grã-Bretanha e da Rússia concitaram e Japão a render-se ou sofrer completa aniquilação. A Declaração de Potsdam, da qual a China e a Rússia também participaram, preveniu o Japão de que "era chegado o momento de decidir se queria continuar a ser dominado por interesseiros militaristas cujos planos absurdos arrastaram o império à portas da ruína, ou se pretendia seguir os ditames da razão."

"Não é nosso intento," afirmava ainda a proclamação, "escravizar os japoneses como uma raça ou destruí-los como nação, mas será aplicada rigorosa justiça a todos os criminosos de guerra, inclusive aqueles que praticaram crueldades contra os nossos nacionais feitos prisioneiros. O governo japonês removerá todos os obstáculos ao renascimento e fortalecimento das tendências democráticas entre o povo japonês. Será restabelecida a liberdade da palavra, de cultos e de pensamento, assim como os direitos humanos fundamentais."

A ocupação de território japonês pelos aliados, imposta nos termos do ultimato far-se-ia sentir até ser completamente destruído o poder bélico do Japão e estabelecida no país uma nova ordem de paz, de segurança e de justiça, ficando outrossim o império despojado de todos os territórios a êle anexados pelo força das armas.

O ultimato concitava o Japão a proclamar imediatamente a capitulação de todas as suas forças armadas, providenciando também para as necessárias garantias de sua boa fé. A alternativa, para os japoneses, seria a pronta e completa destruição. Por conseguinte, não havia meios termos. A situação definia-se em toda a sua extrema gravidade para o inimigo que se via inexoravelmente acossado por todos os lados.

O epílogo

A primeira resposta do Japão foi rejeitando o ultimato. O Presidente Harry S. Truman divulgou então o fato de haver-se consumado o aproveitamento da força atômica com o lançamento da primeira bomba contra Hiroshima, cujos resultados foram catastróficos. A Rússia, já com o seu poder militar a postos na fronteira da Manchúria, entrou no conflito, satisfazendo o seu compromisso assumido nas conferências de Yalta e de Potsdam. O Japão, forçado pelas circunstâncias, estava agora pronto para ceder ao inevitável — capitular de acordo com os termos do ulti-

(Continúa)



Os plenipotenciários do governo japonês sobem a bordo do couraçado "Missouri" para firmar o documento de rendição na presença do General MacArthur

A vanguarda das forças aliadas de ocupação entra pelo bairro comercial de Ginza, na capital japonesa, observando o efeito dos bombardeios anteriores





A capitulação japonesa provocou enorme regasijo no mundo aliado. Vê-se na gravura um aspecto da multidão festiva em Times Square, Nova York



O Presidente Truman, cercado de altas autoridades, revela, com um sorriso, a sua satisfação ao dar a notícia da capitulação japonesa. Sentados, da esquerda para a direita: Almirante William D. Leahy, chefe do estado-maior presidencial; James F. Byrnes, Secretário de Estado, e Cordell Hull, ex-Secretário de Estado

mato de Potsdam. Desfazia-se o poder bélico do último comparsa do Eixo. Ao General Douglas MacArthur, que, nos primeiros dias da guerra perdera a batalha das Filipinas em face da superioridade numérica das forças japonesas, coube as funções de supremo comandante dos aliados para aceitar a capitulação japonesa e governar o país durante o período da ocupação militar.

Estava finda a guerra; chegara, afinal, a paz alcançada com os maiores sacrifícios. O Japão, como a sua comparsa de conquistas, a Alemanha, chegava ao termo de sua jornada agressiva, caindo combalido, arruinado e derrotado pelos povos livres do mundo. Foi uma longa jornada, cujo curso se delinhou espetaculosamente em 1931, quando o Japão, ao invadir a Manchúria, desfechou o seu primeiro golpe de morte contra a boa fé internacional e os direitos humanos fundamentais.

As nações pacíficas não estavam então em condições, psicológica ou

militarmente, para responder ao desafio que os japoneses lançavam ao império da lei e da ordem. Mussolini e, mais tarde, Hitler, aproveitaram-se da lição oferecida pelos sucessos iniciais do Japão e não tardaram em lançarem-se em jornada similar, de assaltos e conquistas. Outras nações, em seus repetidos desejos pela paz procuraram em vão chegar a um acordo. Em 1 de setembro de 1939, Hitler desfechou o ataque de surpresa contra a Polônia, e a Europa inteira viu-se presa das chamas que alastraram a segunda guerra mundial. Quase todas as repúblicas americanas reuniram-se na execução de medidas defensivas para garantir o hemisfério ocidental. Ao mesmo tempo, os Estados Unidos começaram a ajudar as nações que se debatiam contra a agressão nazista, a Grã-Bretanha e outras, e, mais tarde, a Rússia. O Japão, confiante da vitória final nazista na Europa decidiu que o momento era oportuno para levar a cabo a sua campanha de conquista, e, em 7 de dezembro de 1941, desfechava o repentino e trai-

(Continua)

A PROCLAMAÇÃO DE POTSDAM

(1) Nós—o Presidente dos Estados Unidos, o Presidente do Governo Nacional da República da China e o Primeiro-Ministro da Grã-Bretanha, representando as centenas de milhões de nossos compatriotas—conferenciamos e concordamos em dar ao Japão uma oportunidade de pôr termo a esta guerra.

(2) As prodigiosas forças de terra, do mar e do ar dos Estados Unidos, do Império Britânico e da China, consideravelmente aumentadas pelos exércitos e forças aéreas do oeste, estão prestes a desfechar os golpes finais contra o Japão. Este poder militar é apoiado e inspirado pela determinação de todas as nações aliadas de prosseguir a guerra contra o Japão até que este cesse de resistir.

(3) O resultado da fútil e absurda resistência ao poderio dos povos livres e indignados do mundo manifestase em toda a sua clareza como um exemplo para o povo do Japão. O poderio que agora converge contra o Japão é inmensuravelmente maior que aquele que, ao ser aplicado contra a resistência nazista, levou inevitavelmente a destruição às terras, às indústrias e à própria norma de vida do povo alemão inteiro. A completa aplicação de nosso poder militar, animado pela nossa determinação, significará a inevitável e completa destruição tanto das forças armadas japonesas como a consequente e tremenda devastação do território nacional japonês.

(4) E' chegado o momento de o Japão

decidir se quer continuar a ser dominado por interesses militaristas cujos planos absurdos arrastaram o império do Japão às portas da ruína, ou se pretende seguir os ditames da razão.

(5) A seguir vão as nossas condições. Delas não nos desviaremos. Não há alternativas. Não toleraremos delongas.

(6) Impõe-se a eliminação, por todo o sempre, da autoridade e da influência daqueles que ludibriaram e mal-guiaram o povo do Japão, incitando-o na conquista do mundo. E repetimos que será impossível o advento duma nova ordem de paz, de segurança e de justiça enquanto não se banir do mundo o nefasto militarismo.

(7) Até se estabelecer uma tal ordem e haver prova convincente de que o poder bélico do Japão está destruído, vários pontos do território japonês, a serem designados pelos aliados, serão ocupados para assegurar a realização dos objetivos básicos que passamos a expor.

(8) Dar-se-á execução aos termos da Declaração do Cairo, ficando a soberania japonesa limitada às ilhas de Honshu, Hokkaido, Kyushu, Shikoku e outras ilhas menores que forem por nós determinadas.

(9) Depois de completamente desarmadas as forças militares japonesas, seus elementos componentes terão permissão para retornar aos seus lares, dedicando-se a uma vida pacífica e productiva.

(10) Não é nosso intento escravizar os japoneses como uma raça ou destruí-los como nação, mas será aplicada rigorosa justiça a todos os criminosos de guerra, inclusive aqueles que praticaram crueldades contra os nossos nacionais feitos prisioneiros. O governo japonês removerá todos os obstáculos ao renascimento e fortalecimento das tendências democráticas entre o povo japonês. Será restabelecida a liberdade da palavra, de cultos e de pensamento, assim como os direitos humanos fundamentais.

(11) Será permitido ao Japão manter as indústrias necessárias à sua economia, permitindo assim a exação de justas reparações em espécie, mas ser-lhe-ão vedadas as indústrias que lhe facilitem rearmar para a guerra. A nação terá acesso às matérias primas essenciais, mas não terá o controle. E, em devido tempo, ser-lhe-á permitido participar das relações do comércio mundial.

(12) Cessará a ocupação de território japonês pelas forças aliadas logo que forem alcançados estes objetivos e estiver estabelecido, pela vontade livremente expressa do povo japonês, um governo pacificamente inclinado e responsável.

(13) Concitamos o governo do Japão a proclamar já a rendição incondicional de todas as suas forças armadas e providenciar para as necessárias garantias de sua boa fé nesse sentido. Para o Japão, a alternativa será a sua pronta e completa destruição.



O representante da China, general Hsu Yung Chang, assina o documento de capitulação. Por trás estão o General MacArthur e vários oficiais aliados

coeiro golpe contra Pearl Harbor no momento mesmo em que seus enviados extraordinários estavam em Washington falando de paz.

A guerra atingira o continente americano. A vasta capacidade produtiva dos Estados Unidos, apoiada nos tremendos recursos das demais repúblicas do hemisfério entrou em ação, em tremendo esforço bélico que, finalmente, obrigou os agressores a ficarem na defensiva.

Dos arquitetos da vitória, o mais notável foi o ex-Presidente Franklin D. Roosevelt. Anteviu com grande clareza os perigos que avultavam da insólita agressão verificada noutras partes do mundo e tomou providências imediatas para contrapô-la: a lei de empréstimos e arrendamentos, autorizando o fornecimento de armas de defesa às outras nações; a aquisição de bases navais e aéreas que contribuíram para a defesa do hemisfério ocidental e, mais tarde, para a ação ofensiva, e, numerosas outras formas de cooperação internacional.



O General MacArthur (à direita) abraçando o General Wainwright, recém-libertado dos japoneses. A ele coube continuar a infrutífera campanha das Filipinas, no comêço da guerra. Em cima: Soldados japoneses inclinando-se reverentes ante os mesmos prisioneiros aliados a quem, anteriormente, haviam martirizado



O que resta de Nagasaki, a base japonesa escolhida para servir de alvo da segunda bomba atômica. Seus resultados apressaram a capitulação niponesa

Roosevelt não conseguiu viver para ver a vitória sobre a Alemanha e o Japão. Mas seu sucessor, o Presidente Truman, prosseguiu vigorosamente na mesma rota até à vitória final. E deste triunfo, disse o Presidente Truman:

“Foi a vitória de uma forma de vida contra outra. Foi a vitória de um ideal fundado nos direitos do homem comum; na dignidade do ser humano e na concepção segundo a qual o Estado é um servo — não o senhor — de seu povo. Um povo livre demonstrou que era capaz de derrotar os soldados profissionais cujas armas morais eram a obediência e a adoração da força. A guerra nos revelou que temos tremendos recursos para fabricar todos os materiais bélicos. Revelou que temos a mão de obra capaz e administradores hábeis na indústria, bem como generais competentes e, acima de tudo, um povo bravo, em condições de pegar em armas. Todas estas qualidades nós já reconhecíamos serem nossas. Mas o que não sabíamos e que agora aprendemos e nunca devemos nos esquecer é que um sistema social de homens que se governam a si próprios é mais poderoso, mais duradouro, mais criador do que qualquer outra espécie de sociedade, por mais disciplinada e centralizada que seja. Agora sabemos que o princípio básico do valor e da dignidade do homem não é mera aspiração sentimental, esperança vã ou simples figura de retórica. É a mais forte, a mais criativa

fôrça agora presente neste mundo. Que usemos esta força e todos os nossos recursos e toda a nossa habilidade na grande causa de uma paz justa e duradoura.”

O mundo testemunhou o epílogo da tremenda luta. Nela estavam em jogo, num contraste definido, as doutrinas da prepotência e da subserviência contra os princípios sagrados da liberdade humana. No embate destas forças tão opostas em seus elementos fundamentais, o homem livre teria de arriscar tudo para sobrepor-se aos desígnios dos pseudos implantadores de um cativeiro abjeto que marcaria o colapso total da humanidade e da civilização.

Como se verificou a vitória, já é do domínio das grandes conquistas do saber humano, em suas manifestações mais expressivas em face das crises mais extremas. A força moral que era a maior arma dos povos que se debatiam contra a avalanche inconsciente do totalitarismo revelou-se, de fato, incomparável. E foi de sua própria existência que decorreram os fatores decisivos em todos os terrenos — no da luta em campo raso, nos embates nos ares e nos mares, onde o inimigo nunca conseguiu vantagens definitivas, e, finalmente, na suprema habilidade de organizar e produzir em escala sem precedente para alcançar uma vitória completa, total, esmagadora, cujo maior símbolo se corporifica na própria rendição incondicional do inimigo.

O FOMENTO AGRÍCOLA NO EQUADOR

MELHORANDO A CULTURA DO
CACAU E DE OUTROS PRODUTOS

PERTO da cidade de Quevedo, no Equador, há uma antiga fazenda dominando a bacia do rio Guayas. É a fazenda de Pichilingue, outrora próspera e típica da grande lavoura do cacau que, por mais de cem anos, foi um dos fatores mais importantes na economia equatoriana. Produto de excelente qualidade que o Equador fora dos primeiros a lançar no mercado mundial, o cacau sofreu, não obstante, os revezes do mercado e, em 1922, a sua grande produção no país ficou reduzida a uma quarta parte. Tolhida no seu progresso, a plantação de Pichilingue, como tantas outras, viu-se condenada ao completo abandono. A lavoura entrou em crise. Não tardou, porém, que os interessados no

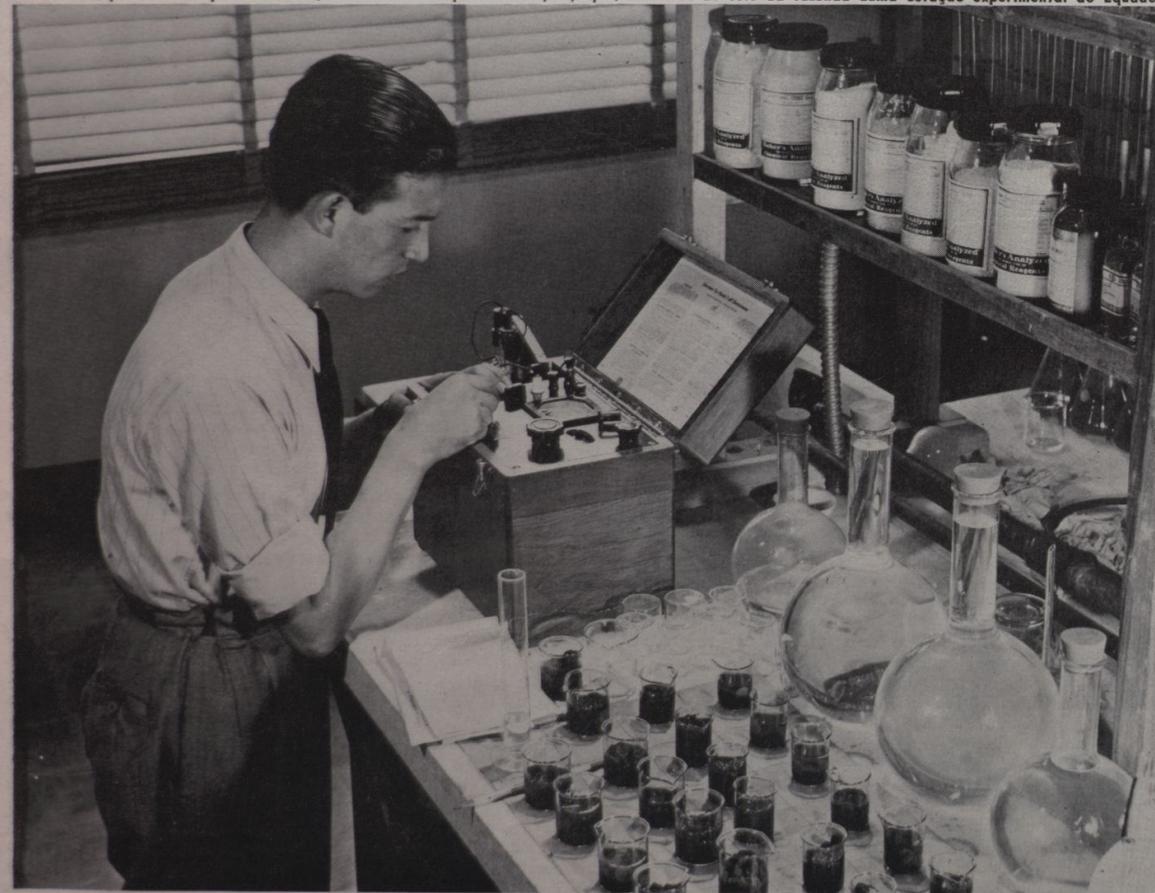
desenvolvimento agrícola do Equador, cujas terras primam pela fertilidade, estudassem as possibilidades de encetar uma obra de reconstrução agrícola de vulto, capaz de colocar a economia agrária equatoriana em base firme, racional e científica.

A secular fazenda de Pichilingue, então entregue à devastação causada pelo fungo e outras doenças, voltou a desempenhar parte relevante nesse plano, renascendo não somente como uma moderna plantação de cacau, mas, essencialmente como valioso centro experimental agrícola, instalado em condições de prestar grandes serviços à diversificação da agricultura. Para maior garantia da implantação da cul-



Mudas de chinchona transplantadas para um viveiro na fazenda de El Topo, a 1.000 metros de altitude

Examinando, por meio do potenciômetro, no laboratório químico de Quayaquil, amostras do solo da fazenda numa estação experimental do Equador



O tratamento do cacau é importante trabalho a cargo dos especialistas. Aqui vemos o produto sendo posta para secar na fazenda de Pichilingue

tura racional do cacau, os agrônomos especialistas escolheram nas áreas produtoras no território nacional 70 pés de cacaueiros que pareciam resistir às duas espécies do fungo. Sementes dos frutos das árvores e várias mudas foram levadas para a fazenda de Pichilingue para o plantio. Desta maneira, na estação experimental, os especialistas puderam acompanhar o crescimento das árvores, estudar o seu desenvolvimento e determinar praticamente os melhores métodos para conseguir um produto que satisfizesse as mais rigorosas exigências dos mercados consumidores.

Dos 15.000 hectares de terras da fazenda experimental, 2.500 foram reservados exclusivamente para a cultura do cacau, com o fim de prover a grande estação experimental com os recursos necessários à sua própria manutenção. Pelos relatórios já apresentados, os técnicos mostram-se satisfeitos com os resultados dos estudos químicos e patológicos do principal produto. A área restante está reservada para o de-

envolvimento de outras culturas suplementares e para o loteamento em pequenas plantações cultivadas por particulares. Dentre as culturas suplementares destacam-se a da mamona, da tunga, herva-limão, canela, chinchona, borracha e de várias plantas de valor inseticida.

Além de dispor de suas próprias instalações técnicas, a fazenda experimental de Pichilingue conta com os recursos dos excelentes e modernos laboratórios de Quayaquil e de Quito; com as estações auxiliares e os hem organizados viveiros de Conducta, Vinces e Bucay, e com o serviço especializado que, também em Quito, fornece todas as informações necessárias às estações experimentais agrícolas das repúblicas americanas.

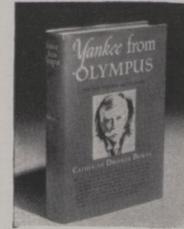
No Equador, os trabalhos do fomento agrícola foram organizados sob os auspícios do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos juntamente com o Ministério da Agricultura da república e a Empresa do Fomento Equatoriano. Desde 1942, quando se estabeleceu o

serviço, especialistas de ambos os países, dezoto equatorianos e sete americanos, estão a cargo da execução do vultoso programa agrário. A transformação da velha fazenda de Pichilingue em estação experimental foi, só por si, um trabalho de vulto, devido ao estado de abandono em que a mesma se achava. Foi necessário desbravar grande parte das terras, dar-lhes novos traçados para as plantações, construir barracões, paiões, habitações, edifícios, etc. Para os trabalhadores foram construídas 35 casas de moradia, vários refeitórios, além de um amplo dormitório para acomodar os que não trabalham permanentemente na fazenda.

Ao chegar o volumoso equipamento agrário e o material para os laboratórios, já estavam a postos todos os técnicos e trabalhadores para dar início às atividades na moderna estação experimental. É neste centro de fomento agrícola que as plantas e sementes procedentes dos Estados Unidos e de outras nações americanas são submetidas a estudos para determinar o seu me-

(Continua)

BIÓGRAFA DE UM GRANDE LIBERAL



O GRANDE JURISTA OLIVER WENDELL HOLMES E SEU TEMPO

CATHERINE DRINKER BOWEN, cuja brilhante carreira literária vai já em um quarto de século, teve, há cinco anos, a sua maior inspiração ao escrever a biografia de Oliver Wendell Holmes, o antigo ministro de Corte Suprema dos Estados Unidos, filósofo, humanitário e o mais liberal e proeminente dos juristas norte-americanos.

O extraordinário sucesso do livro que constitui uma obra-prima de literatura biográfica, tem os elementos de uma combinação realmente feliz: a grandeza do jurista e a determinação da autora de aplicar toda a sua reconhecida habilidade apresentando admiravelmente o homem para que outros o compreendam na elevada significação de uma atividade que tanto contribuiu para amoldar o pensamento liberal em sua pátria.

Esta feliz combinação não foi, entretanto, accidental; o antigo membro do mais alto tribunal do país era uma personalidade de méritos tão apreciáveis que o saudoso residente Roosevelt, certa vez, o considerou "o mais proeminente dos norte-americanos vivos." Pouco depois de sua posse na presidência, em 1933, o Sr. Roosevelt, ao visitar o venerando jurista, já então aposentado, e aos 92 anos de idade, encontrou-o em sua biblioteca lendo Platão. O presidente mostrou-se interessado em saber a razão por que, em tão avançada idade, Holmes estava estudando o antigo filósofo grego.

"E" para cultivar o meu espírito, sr. presidente," foi a resposta.

Assim era o famoso juriconsulto, cujas notáveis decisões de juiz tanto ampliaram e reavivaram as liberdades civis nos Estados Unidos. A ele deve-se a sua filosofia, segundo a qual "a vida é ação e paixão", e que, "de um homem se exige que participe da ação e da paixão de seu tempo, para que não se arrisque a ser julgado como quem passou pela vida sem ter vivido."

A obra e a autora

Catherine Drinker Bowen deu à sua biografia de Oliver Wendell Holmes o expressivo título *Yankee from Olympus*. É um trabalho que, por envolver a personalidade de um homem que se distinguiu predominantemente no campo da jurisprudência, exigiu especial tenacidade da autora, mais habituada a escrever nos domínios da música. Ao tempo da morte do biografado, seus noventa e quatro anos estavam repletos duma grande variedade de atividades, que se estendiam desde o seu tempo de serviço militar, como oficial do Exército da União, durante a Guerra Civil; o seu professorado e a época em que se dedicou a escrever, a viajar e a discutir com as grandes mentalidades de seu tempo, enquanto exercia com suprema proficiência a magistratura.

Colocá-lo e à sua obra entre as capas de um livro não era tarefa fácil. Mas a biógrafa já havia dado antes sobejas provas de sua disposição para sobrepujar-se às dificuldades dos grandes encargos. Menina ainda, demonstrara este traço de seu feitio. Filha mais moça numa família de intelectuais, Catherine, com seus cinco irmãos e irmãs cresceu num ambiente de estudo e de realizações. Seu pai era presidente de uma das universidades de Pensilvânia, e sua mãe, que tanto se distinguira na música, proporcionou aos filhos uma sólida educação musical. E de seu convívio com muitos expoentes nas artes e nas letras, Catherine adquiriu e sempre cultivou um grande entusiasmo pelas conquistas do espírito. Aos oito anos, teve ocasião de ouvir famoso violinista, num concerto, e sentiu irrefreável disposição para aprender o violino e tocar como um

profissional. Com decidido entusiasmo começou a estudar e, aos 18 anos, especializava-se na carreira musical. Embora concluisse vários cursos com brilhantismo, reconheceu que lhe faltava a extremada técnica que o seu próprio temperamento artístico exigia. E assim, aos 23 anos, já casada e mãe de dois filhinhos, resolveu porfiar outro objetivo: ser escritora.

Para ela, escrever "parecia ser um melhor meio de expressão do que a música." Começou escrevendo artigos e ensaios e, depois, livros. A música permanecia como o seu grande interesse, tornando-se o assunto predileto através de ensaios e biografias. Depois de duas décadas, como escritora profissional, seu estilo estava aprimorado, e seus livros conquanto não provocassem o aplauso geral, eram reconhecidos como obras de uma artista. Ela sentiu então a atração de um novo assunto. "Eu queria escrever sobre um americano, um homem de idéias que fosse parte da história de seu tempo", lembra a notável biógrafa.

Panorama histórico

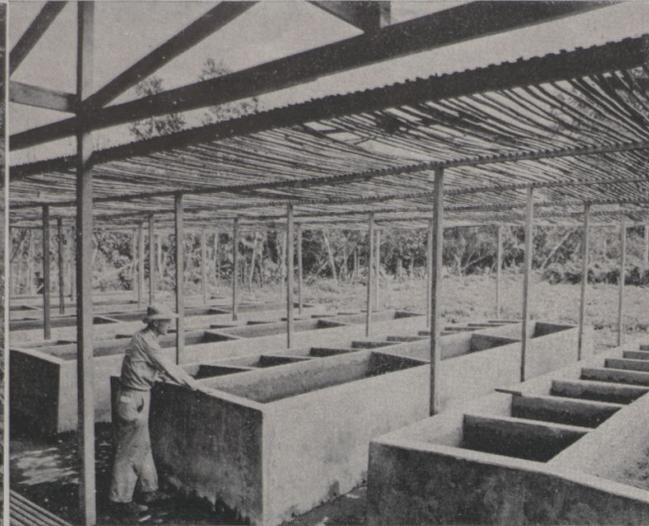
Em princípios de 1940, delineou a biografia de Oliver Wendell Holmes, em traços que projetassem a sua inconfundível personalidade em todos os seus grandes valores, como cidadão, como juiz e como pensador.

A família Holmes era antiga residente de Boston, por muitos anos um centro da vida cultural da nável república. Intelectuais, filósofos, escritores, homens públicos e professores da Universidade de Harvard participavam da convivência da ilustre família, cultivando a discussão de assuntos que prendiam o interesse de todos. Foi neste ambiente de saber e conhecimento, de expansão de idéias e de ideais que o jovem Holmes amoldou seu temperamento, solidificou sua visão liberal, mais tarde manifestada na sua oposição ao trabalho de menores, aos entraves disfaçados contra a liberdade da palavra e do pensamento e tantos outros direitos dos quais, como jurista, revelou-se um dos maiores defensores, em decisões repassadas de profundo saber jurídico, em linguagem escorreita que de muito serviram para influenciar leigos e doutos. A biógrafa tinha, pois, um expressivo panorama a trabalhar, antes de focalizar a grande personalidade do biografado. E foi depois de desvendar os reconditos da história pátria, em seus aspectos simbólicos das lutas do pensamento, que encontrou o verdadeiro lugar para a figura de Oliver Wendell Holmes — e fê-lo numa obra magistral de grande valor histórico.

Catherine Drinker Bowen, biógrafa do grande liberal e juriconsulto Oliver Wendell Holmes, devotou quatro anos à preparação de sua biografia



Seleção duma amostra de herva-limão para análise. A planta que se vê na gravura tem nove meses e está pronta para a transplantação



Separados em compartimentos especiais, os vários tipos de solo são conservados sob constante exame dos técnicos interessados em propagar a cultura do cacau

lhor aproveitamento nas várias regiões do país, de acôrdo com a natureza de solo. Uma área de 500 hectares, na modernizada fazenda de Pichilingue, está reservada para a plantação de seringueiras da melhor qualidade, sendo este um interessante exemplo do estudo para aproveitar no país as vantagens de uma policultura de acôrdo com as suas necessidades. As plantas inseticidas merecem especial atenção no bem elaborado projeto de fomento agrícola. O Equador, até então, contava com o derris e o piretro, mas agora a cultura racional do barbasco, comum nas encostas andinas ocidentais, está sendo desenvolvida.

A estação experimental de Pichilingue não somente realiza os seus próprios estudos locais, com relação às culturas que está levando a efeito, mas também fornece informações, sementes,

fertilizantes e demais auxílios aos agricultores em todos os quadrantes do país. É um serviço cooperativo de grande utilidade, pois visa manter uma orientação segura sobre a solução de problemas até então descurados, principalmente devido à falta de um centro especializado para disseminar conhecimentos aos que labutam na lavoura. Assim, divulga-se agora a conveniência da introdução de novas plantas e melhoramento das safras; do combate às doenças; do estudo do crescimento das plantas, do solo e das práticas culturais agrícolas; dos métodos de aproveitamento dos solos para melhor produção e conservação, etc. Cria-se a educação agrônômica visando formar técnicos e profissionais em condições de manter a agricultura equadoriana na vanguarda do progresso.

O próprio tratamento de solo é um dos prin-

cipais objetivos dos especialistas da estação experimental de Pichilingue. A erosão frequentemente notada em quase toda a vasta região serrana é combatida cientificamente com a aplicação de terraceamentos e adubação. De vários pontos do país chegam amostras do solo para serem examinadas e analisadas nos laboratórios, afim de prestar a cada agricultor as melhores informações sobre o rendimento mais elevado na exploração de suas terras culturais.

O formento agrícola equadoriano desenvolve-se ainda em importantes e indispensáveis obras de irrigação de terras até agora improdutivas, e na construção de modernas rodovias interligando cidades e zonas rurais. Estes trabalhos, simultaneamente com o impulso dado à lavoura em geral formam uma entrosagem que dará novo vigor à economia nacional, pondo-a em bases estáveis.

O exame de mudas de seringueiras transplantadas da Costa Rica para a cultura racional da borracha, do programa agrário equadoriano

O edifício principal da Empresa do Fomento Equadoriano, no qual estão instaladas dependências da estação experimental agrícola na fazenda de Pichilingue





O Cobre, dos Andes chilenos, foi um dos metais estratégicos essenciais para o triunfo das armas aliadas

As Nações Americanas e a Vitória

A COOPERAÇÃO entre os bons vizinhos das Américas contribuiu para sustar o avanço do Eixo na sua conquista do mundo e, finalmente, para obrigar os agressores a submeterem-se à rendição incondicional. Em 1940, na hora mais negra da liberdade, o mundo maravilhou-se diante da produção de navios, canhões e aviões, que, dos Estados Unidos, ainda em paz, seguiam para a Inglaterra assediada. Contudo, aqueles primeiros impressionantes embarques e as garantias de muitos mais que se seguiriam, não poderiam realizar-se sem o apoio econômico, moral e militar dos povos amantes

da liberdade, os povos das demais repúblicas americanas. Desde aqueles dias cruciantes, continuamente, até o final restabelecimento da paz, o hemisfério ocidental não cessou de ativar seus esforços na formidável luta.

A vitória, nesta segunda guerra, exigia mais do que em qualquer outra guerra um máximo de cooperação internacional. Era uma guerra de máquinas, de ciência, de tremendas massas de forças terrestres, navais e aéreas espalhadas pelo mundo inteiro. Uma vez mobilizada a força coletiva das Nações Unidas, o Eixo ficou com os seus dias contados; mas foi no seio da

família das nações americanas que se forjou o talão inconfundível dessa cooperação mundial. Passando por um período de vários anos de evolução, o sistema interamericano de cooperação já tinha assumido proporções extraordinárias quando ocorreu o infame ataque de Pearl Harbor, em 7 de dezembro de 1941, alastrando a guerra ao Novo Mundo. Os princípios de cooperação interamericana foram estabelecidos numa longa série de conferências panamericanas e interamericanas. O padrão para a ação em face do perigo comum estava delineado. Dentro de poucos dias após o ataque japonês foi

A contribuição mexicana à causa aliada não foi somente de matérias primas, mas também destes excelentes pilotos que lutaram nas Filipinas



O povo do Rio de Janeiro acolhe com delírio a força expedicionária brasileira de regresso da Itália

convocada a reunião de consulta dos ministros de Exterior das repúblicas americanas, que se realizou no Rio de Janeiro, em janeiro de 1942, e cujo objetivo foi traçar o curso da cooperação interamericana na guerra. O conclave produziu a norma de ação interamericana, mobilizando os recursos do hemisfério e tomando as medidas de caráter militar cujos resultados práticos já são do domínio da história.

A grande força propulsora da reação contra os elementos do Eixo, fazendo-os ceder à pressão de um poder maior foi, assim, uma valiosíssima contribuição da cooperação interamericana de par com uma cooperação internacional mais íntima em escala mundial. As nações que se reuniram sob um mesmo propósito na guerra total formaram um bloco concentrado de força gigantesca, investindo primeiro contra a Alemanha e depois contra o Japão.

A frente única

Em cada fase deste esforço hercúleo, a unidade das Américas desempenhou um papel preponderante. Primeiramente, foram as medidas de emergência tomadas para reforçar os pontos fracos da defesa continental. Várias nações americanas declararam logo a guerra ao Japão, Alemanha e Itália, sendo que muito antes de terminarem as hostilidades, já todas as repúblicas do Novo Mundo estavam em guerra contra as nações do Eixo. Esta sólida frente única de amigos e aliados, sem par na história, fez que a cooperação interamericana assumisse uma significação de caráter universal.

De conformidade com as resoluções da conferência do Rio de Janeiro, a mobilização continental para a guerra atingiu um escopo de vastas proporções. Foram iniciados imediatamente os trabalhos de expansão de bases aéreas e navais em vários pontos estratégicos, como na região do canal do Panamá e no nordeste brasileiro, cuja situação, fronteira à costa africana, mostrava-se com todas as possibilidades para uma tentativa de invasão por parte das forças do Eixo.

E à medida que os submarinos inimigos lançavam-se desesperadamente na campanha para interromper as linhas de abastecimentos nas águas do Mar das Caraíbas e do Atlântico meri-

ditas, as patrulhas aliadas, navais e aéreas, entraram em ação. E onde quer que as defesas do hemisfério revelavam fraqueza, não tardava a atividade conjunta de forças continentais para emprestar-lhes o necessário vigor. O México e Cuba, por exemplo, organizaram patrulhas anti-submarinas para garantir suas costas estratégicas; o Brasil estendeu a sua proteção naval e aérea sobre os mares ao sul do Atlântico, merecendo os maiores encômios dos comandantes norte-americanos pela sua brilhante participação nestas medidas de defesa.

Os aliados estavam, pois, em face de um premente problema, qual o de solucionar a crise da produção de tais materiais. Coube às repúblicas americanas facilitar a solução. Dentre elas, dezesseis assinaram acordos com os Estados Unidos para o desenvolvimento da produção da borracha; outros acordos foram levados a efeito visando a produção de fibras, de metais, de quinina, inseticidas e outros itens de imediata necessidade.

Sob este programa de desenvolvimento econômico, os abastecimentos começaram a afuir em volume sempre crescente, das áreas produtoras em várias repúblicas americanas para as fábricas de material bélico nos Estados Unidos. Cobre, do México, Perú e Chile; estanho do México e do Perú; cristais de rocha, mica e

(Continúa)



Selecionando tungsteno, o metal fornecido pela Bolívia às fábricas dos aliados. Na gravura à direita: Balsa recém-cortada no Equador para ser embarcada para os estaleiros dos Estados Unidos

A segunda fase de tão significativo esforço cooperativo encontra-se no desenvolvimento dos recursos naturais destinados a suprir as necessidades bélicas. Antes e depois de Pearl Harbor, a indústria pesada norte-americana converteu-se essencialmente para a produção de guerra. A procura de metais e outros materiais estratégicos cresceu extraordinariamente. Ao mesmo tempo, as Nações Unidas perdiam, na Ásia, as

El Salvador contribuiu com o sisal, excelente substituto do cânhamo na fabricação de cordoaria





O petróleo das Américas foi das maiores contribuições para a guerra. Estes são alguns dos grandes depósitos do precioso produto, em Cabinas, Venezuela



A caôba para a construção naval provinha de vários países sul-americanos. Estas toras seguiram da Nicarágua para um estaleiro em Nova Orleans, nos E.U.



Preparando o estanho para embarque em Cerro de Pasco, no Perú. O estanho americano foi essencial para as Nações Unidas, depois da perda da Maláia

manganês do Brasil; borracha do vale do Amazonas e da América Central; petróleo da Venezuela, do México e da Colômbia; caôba do Amazonas e da América Central; antimônio e tungstênio do México e da Bolívia — estes e tantos outros materiais estratégicos contribuíram para possibilitar o aumento, mês a mês, da produção, nos Estados Unidos, de navios, aviões, canhões, tanques e munição no decorrer da fase crítica de 1942 e 1943, até o gigantesco surto final verificado em 1944 e 1945 que levou o inimigo completamente de vencida.

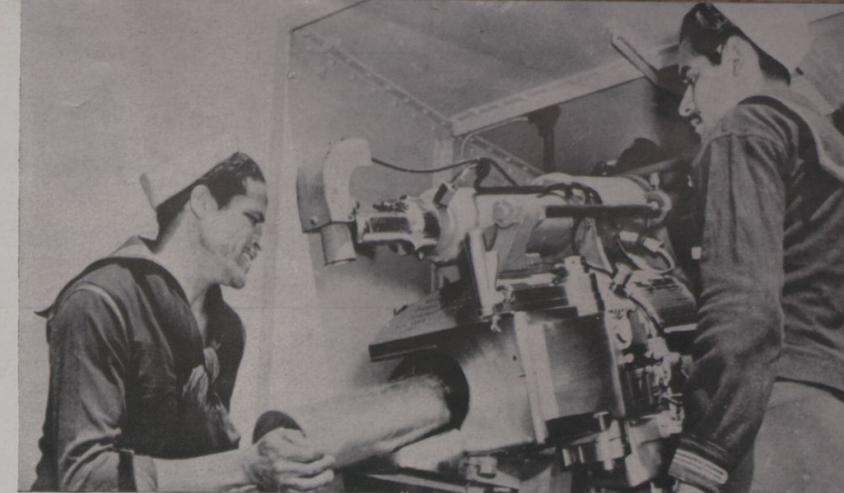
Mas a cooperação de guerra entre as nações americanas foi além: estendeu-se às necessidades humanas de numerosos trabalhadores, tanto na indústria bélica como nas áreas de produção de materiais estratégicos, criando serviços sanitários e de abastecimentos. O Brasil, por exemplo, associou-se aos Estados Unidos em trabalhos cooperativos para incrementar a produção de alimentos nas áreas do norte brasileiro afetadas pela crise dos transportes marítimos. A Costa Rica e o Panamá ajudaram no fornecimento de alimentos para as forças estacionadas na zona do canal. Nestas e noutras atividades, a associação de esforços interamericanos foi um dos fatores determinantes no sucesso das armas aliadas, forçando a rendição incondicional do Eixo.

Balanco oportuno

As linhas de defesa continental foram fortalecidas de várias maneiras. A eliminação dos interesses eixistas nas linhas de aviação comercial sul-americana, que já estava em execução antes de Pearl Harbor, foi concluída expeditamente. Muitos países assumiram o controle de propriedades de subditos das nações do Eixo, os quais eram um ponto de apoio financeiro para a penetração nazista e fascista e para a espionagem em grande escala no Novo Mundo. As medidas de defesa interamericana também foram extensivas ao congelamento de fundos pertencentes a firmas e nacionais do Eixo; ao controle coordenado para eliminar os agentes inimigos, cortando pela raiz as suas atividades subversivas, e o estabelecimento da lista negra cerceando as operações financeiras e comerciais de firmas pertencentes aos nacionais eixistas. Estas providências muito contribuíram para consolidar a defesa interamericana contra as manobras nazistas tendentes a apertar o cerco das Américas partindo de pontos situados na África e no Pacífico. Em seu conjunto, estas atividades de tempo de guerra solidificaram a estrutura da cooperação entre nações livres a um ponto nunca antes atingido.

Logo no início da guerra, as Américas tomaram várias iniciativas de caráter militar que, em devido tempo, facilitaram as grandes e decisivas ofensivas efetuadas pelas Nações Unidas. As bases aéreas ao longo da costa sul-americana abriram o caminho para a concentração do poder aéreo aliado e de outras forças que avançaram rumo ao litoral africano e europeu em memoráveis invasões precursoras da vitória das Nações Unidas. E pelas rotas interamericanas fez-se igualmente a movimentação de materiais estratégicos destinados a abastecer as frentes de combate.

Para coroar a inestimável contribuição continental há ainda o fato de haverem algumas nações americanas enviado forças combatentes cuja participação na luta ficou assinalada por feitos de grande significação. O Brasil teve poderosa força expedicionária nos campos de batalha na Itália; o México participou com um numeroso



Foi dos mais efetivos a patrulhamento da costa pelas forças navais de várias nações americanas

núcleo de aviação nas frentes do Pacífico. Além disto, muitos milhares de nacionais das repúblicas americanas alistaram-se nas forças armadas dos Estados Unidos, e o México enviou milhares de trabalhadores para aliviar a crise da mão de obra nas vias-férrreas e na produção agrícola norte-americana, quando mais se fazia sentir a necessidade de manter incessante o esforço de guerra em todos os seus setores — nas frentes de batalha e na frente interna.

De especial significação foi também a participação das Américas na obra de caridade e de assistência econômica destinada a amparar milhões de entes humanos vítimas das opressões e crueldades sob o guante implacável do Eixo. Reunindo-se às outras Nações Unidas, as repúblicas americanas contribuíram profusamente para os trabalhos de socorro e de reabilitação.

Sobreleva ainda de importância a disposição das Américas no sentido de manter firme e proveitosa a cooperação entre as nações livres no sentido de consolidar as conquistas de uma paz firmada em bases permanentes e de prosperidade. Na Cidade do México e, mais tarde, em San Francisco, quando a guerra entrava já em sua fase derradeira, as Américas fizeram sentir o peso de seu prestígio e de sua união na complexa entrosagem da cooperação internacional.



A borracha foi suprida por várias fontes nas Américas. Aqui vemos um seringueiro em Honduras. Na gravura abaixo: Enfardando lã, no Uruguái, para as suas numerosas aplicações pelas Nações Unidas



A MULHER NO JORNALISMO



Reprodução da primeira página do "New York Herald Tribune", dirigido por Mrs. Helen R. Reid

O JORNALISMO norte-americano oferece dois notáveis exemplos da participação da mulher nos encargos de grande significação e responsabilidade na vida nacional: Mrs. Helen Rogers Reid e Mrs. Dorothy Schiff Thackrey, casadas com jornalistas e ambas dedicadas ao mais profícuo trabalho em seus respectivos jornais, dois dos maiores diários de Nova York e de grande reflexo da opinião pública. Mrs. Reid é vice-presidente do *New York Herald Tribune*, órgão filiado ao partido repu-

DUAS ILUSTRES PROFISSIONAIS AMERICANAS

blicano; Mrs. Thackrey é proprietária e editora do *New York Post*, filiado ao partido democrata. Ambas são ricas e podiam viver descansadamente, mas preferem dedicar-se a uma carreira profissional das mais ativas, sem que isto afete a sua situação de esposas e de mães extremosas, senhoras de um perfeito lar.

As duas ilustres jornalistas começaram a vida de imprensa quando ambos os jornais estavam em franco declínio, fato que dá maior relevo à contribuição de seus esforços para melhoramentos que revigoraram definitivamente as respectivas empresas. Em traços gerais, este é um aspecto da maior similaridade existente na carreira das duas operosas jornalistas americanas.

Mrs. Reid, já em seus 62 anos, impressiona pela sua atividade na direção do *Herald Tribune*, ao qual tem dado o produto da sabedoria e da experiência adquiridas numa vida em sua maior parte dedicada ao jornalismo. A história desta brilhante carreira é das mais interessantes e data de uma época em que era raridade o trabalho da mulher na imprensa dos Estados Unidos.

Natural do Estado de Wisconsin, aos 16 anos matriculou-se no famoso Barnard College, de Nova York, tencionando seguir o magistério. Interrompeu, porém, seus estudos para aceitar o lugar de secretária social de Mrs. Whitelaw Reid, esposa do editor da *Tribune*, que, naquele tempo constituía um jornal à parte, só muito mais tarde vindo a fundir-se com o *New York Herald*, formando o atual *New York Herald Tribune*. Quando o Mr. Reid foi nomeado embaixador dos Estados Unidos na Inglaterra, a



Mrs. Dorothy S. Thackrey, proprietária e editora do "The New York Post", diário de pequeno formato

jovem secretária acompanhou a família, seguindo para Londres. Em 1910, Ogden, filho do jornalista e diplomata, também seguiu para Londres. Apaixonou-se por Miss Rogers e, um ano depois, casavam-se em Wisconsin.

Ogden Reid já então trabalhava no jornal de seu pai, e sua jovem esposa mostrava-se ansiosa de dedicar-se ao jornalismo. Espírito prático, não perdeu tempo em analisar a verdadeira situação do jornal sob o ponto de vista de uma organização economicamente sólida, tanto mais



Mrs. Reid começou sua carreira jornalística em 1918, na seção de publicidade, desenvolvendo mais tarde suas atividades em todos os ramos da imprensa

quanto, com a ausência de Mr. Whitelaw, em Londres, o jornal entrara em crise. Depois do falecimento de seu pai, Ogden assumiu a direção da *Tribune*, em 1913, e a esposa iniciou suas atividades na seção de publicidade. "Foi assim que a *Tribune* tornou-se uma instituição de família", lembra agora Mrs. Reid.

Disposta a dar suas melhores energias ao restabelecimento econômico do grande diário, trabalhou em todos os ramos da seção de publicidade, e, graças à sua incansável operosidade e tino administrativo, aumentava consideravelmente a renda do jornal. Assumiu pouco depois a gerência da publicidade e, em 1922, tornava-se vice-presidente da empresa, dois anos antes de ser a *Tribune* absorvida na fusão com o *Herald*. As cifras no movimento de matéria paga demonstram os resultados dos esforços de Mrs. Reid: em 1918, o total foi de 4.170.812 linhas; em 1944, foi de 16.604.426.

A publicidade foi, porém, apenas uma das fases em que se revelou a grande eficiência dos métodos da jornalista. Os melhoramentos que ela introduziu no jornal tiveram também assinalados reflexos na circulação e na sempre bem cuidada apresentação do noticiário, trazendo para o tradicional matutino de Nova York um prestígio dos mais merecidos.

Uma das criações de Mrs. Reid no *Herald Tribune* é o *annual forum*, interessante discussão pelo rádio, por notabilidades em vários campos de atividade, dos problemas do momento, nacionais e internacionais. Satisfeita de sua carreira jornalística, que ela considera um grande sucesso conjugal, Mrs. Reid orgulha-se de haver orientado seus dois filhos, Whitelaw e Ogden Rogers, nas lides da imprensa. Ambos estão atualmente no serviço das forças armadas, o primeiro como tenente aviador naval e o segundo como tenente paraquedista do Exército.

Seu longo tirocínio na imprensa, dirigindo um dos órgãos de maior projeção na vida política, social e econômica norte-americana, a identificou

com numerosos movimentos na vasta órbita de sua operosidade, movimentos aos quais a sua participação empresta toda a autoridade de uma prestigiosa campeã de grandes causas. A seu ver, a imprensa defronta sempre crescentes oportunidades de prestar relevantes serviços ao público, orientando-o com a sua opinião desapaixonada e estimulando as iniciativas de benefício coletivo.

Nos vagares de sua vida doméstica cultiva com especial interesse a arte culinária, razão porque também se orgulha de ter sido o seu jornal um dos primeiros a criar uma desenvolvida seção sobre alimentação, mantendo ainda uma cozinha experimental.

A editora do "Post"

Quanto a Mrs. Dorothy Thackrey, do *New York Post*, tem o jornalismo americano outro expoente dos mais representativos do seu valor. Seu interesse pelas questões sociais e problemas correlatos de ordem política e econômica atraíram-na para o jornalismo, ao qual ingressou em 1939, como diretora, vice-presidente e tesoureira da empresa do *Post*. "O jornal estava em vias de mudar de donos," explica Mrs. Thackrey; "tentei formar um grupo para adquiri-lo, mas como não alcancei o resultado que esperava, resolvi fazer a compra sozinha. O jornal apoiava a legislação social e era liberal em sua política editoria. Na minha opinião, um jornal assim não podia morrer. Ademais, eu queria apoiar o Presidente Roosevelt."

Quando seu pai, Mortimer L. Schiff, banqueiro e filantropo, faleceu, em 1931, Mrs. Thackrey e seu irmão herdaram não somente uma considerável fortuna mas também vários postos de destaque nas organizações de serviços sociais que ele dirigia. Ao tempo em que adquiriu o jornal, ela fazia parte da diretoria da Organização Henry Street e do Hospital Monte Sinai; era membro da Junta Diretora da Beneficência Infantil de Nova York, e membro da Liga Profis-

sional Feminina, da Liga das Mulheres Eleitoras e do Clube Cívico de Nova York. Afim de agir livre e independentemente, afastou-se de todas estas funções, dedicando-se exclusivamente ao seu jornal. Dentre as causas pelas quais se bateu com sucesso destacam-se a referente à lei de seguro contra o desemprego, no Estado de Nova York, e a emenda à constituição federal sobre o trabalho de menores. E agora é uma das partidárias da adoção do seguro de saúde.

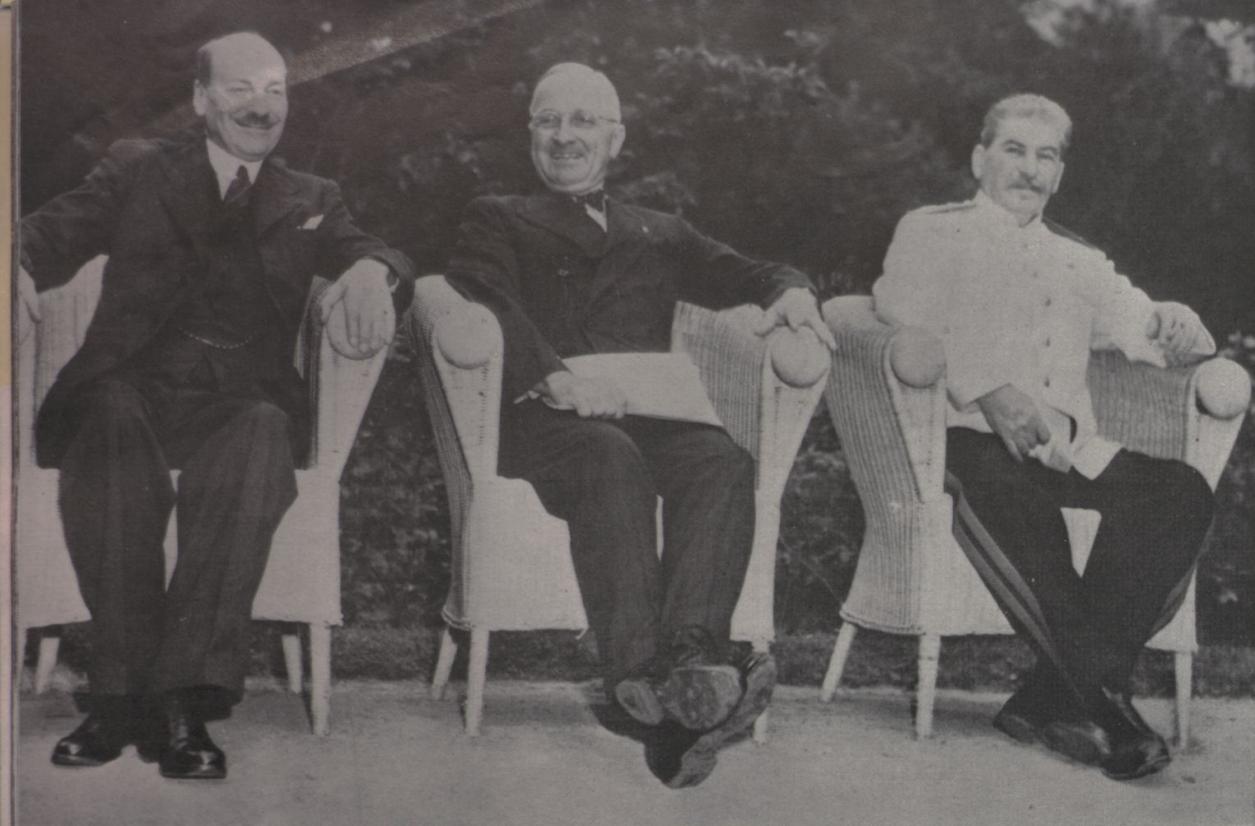
Seu marido, Theodore O. Thackrey, é o editor e gerente geral do *Post*, sendo um jornalista dos mais acatados, com vasta experiência profissional sobre assuntos nacionais e estrangeiros. Ele e a esposa têm escritórios separados, mas estão em constantes conferências sobre matéria relativa ao jornal. Às vezes, "mas nem sempre", discordam, declara a jornalista. "E quando discordamos, sem chegarmos a um acórdio," acrescenta ele, "apelamos para os conselheiros."

Mrs. Thackrey nunca escreve para o jornal, mas sempre que tem ocasião de falar com alguém sobre assunto de interesse, costuma ditar suas impressões pessoais, arquivando-as para possível uso futuro. Uma das seções mais populares do *Post* é o digesto sobre jornais, revistas, livros e rádio. Mrs. Thackrey lê muito, mas não encontrava tempo para se manter em dia com a leitura. Daí a sua idéia de mandar sua secretária preparar um resumo de todo o movimento intelectual afim de o ler no quarto de dormir. Seu esposo notou a inovação e achou-a excelente material para ser publicado. E assim se originou o famoso digesto para o qual contribuem assiduamente quarenta e cinco escritores, em Nova York e noutros Estados.

A esforçada jornalista é de opinião que, em futuro próximo, a imprensa, com um serviço de noticiário abrangendo o mundo inteiro, dará especial atenção à forma condensada, alterando também, para melhor, muitos detalhes técnicos na confecção material dos jornais. Sua experiência lhe empresta autoridade para esta apreciação.

Mrs. Thackrey é diretora do "New York Post" desde 1939. Durante parte do verão ela dirige, de sua própria casa de campo, os trabalhos do jornal





Os estadistas que decidiram a sorte da Alemanha. Da esquerda para a direita: Primeiro-Ministro Atlee, President Truman e o Marechal Stalin

O FUTURO DA ALEMANHA

UMA LONGA REHABILITAÇÃO POLÍTICA E ECONÔMICA

CONSOANTE as determinações das potências aliadas cujas forças ora ocupam o território alemão, a situação presente e futura da Alemanha depende de seu próprio passado; e este nada mais é que um acervo de agressão e de crime cuja magnitude não encontra paralelo na história contemporânea. Dominar e corrigir uma nação e um povo com um passado que tanto tem comprometida a paz universal é, inquestionavelmente, problema de grande monta para as Nações Unidas, seriamente empenhadas em estabelecer, num mundo arruinado pela guerra, uma paz verdadeiramente duradoura. Duas vezes no transcorrer de uma única geração a Alemanha precipitou o mundo em tremenda carnificina. Por trás dos bastidores do espetaculoso moderno Estado germânico havia toda uma longa história de militarismo nefasto e desenfreado; de uma filosofia macabra de superioridade de raça, e os desígnios mais abjetos de conquistar e dominar o mundo para submeter os povos conquistados ao jugo brutal dos alemães. Sempre houve um líder a quem o povo alemão, ou grande maioria dele se mostrou incondicionalmente disposto a seguir no diabólico plano de agressão e morticínio "para glória da Alemanha." Assim aconteceu exatamente com Hitler, a quem foi dada, pelo povo alemão, toda a força moral e material para, através do regime nazista, criar a maior máquina militar na história dos teutões. Hitler dispunha de prosélitos sem conta, graças ao fato de

acharem-se profundamente enraizadas na mentalidade alemã as doutrinas de prepotência impostas pelo militarismo. Não obstante, a Alemanha foi derrotada pelas nações pacíficas e, desta vez, derrotada completa e inequivocamente. Mas nunca é demais considerar que, no passado, a Alemanha conseguiu ressurgir das amarguras da derrota para atear novamente fogo ao mundo. Não podia o mundo estar agora seguro de sua sorte sem que fossem tomadas as mais drásticas medidas de controle sobre o povo alemão, sobre a sua economia e o seu potencial bélico, aparentemente inerte, mas indubitavelmente latente no cerne da nacionalidade. Já muito antes de se consumir a derrocada alemã haviam os estadistas aliados ponderado sobre a forma de tal controle e sobre as melhores garantias para obstar qualquer possível agressão futura da parte dos alemães. Quando se reuniram em Potsdam, berço do moderno militarismo alemão, os chefes dos governos norte-americano, britânico e russo, esta questão constituiu uma das mais relevantes na agenda das conferências.

O "Palácio Novo" dos antigos imperadores alemães, em Potsdam, onde os estadistas aliados se reuniram em várias e históricas conferências



O regime nazista deixara a Alemanha em estado caótico, sem governo constituído; numerosas de suas cidades estavam em ruínas como resultado da inóqua resistência contra o fulminante poder dos aliados, e a nação estava agora sob a ocupação militar de quatro nações: Estados Unidos, Inglaterra, Rússia e França.

Durante dezessete dias os líderes aliados, Presidente Harry S. Truman,

Marechal Joseph Stalin, Primeiro-Ministro Winston Churchill e, pouco depois, seu sucessor, Primeiro-Ministro Clement R. Atlee, conferenciaram sobre este e outros momentosos problemas resultantes da guerra. As decisões tomadas sobre o futuro da Alemanha afetarão o curso da história européia por um longo período e terão grande projeção no bom êxito da organização das Nações Unidas para assegurar a paz.

Se as condições impostas à Alemanha apresentam-se demasiadamente rígidas, o povo alemão deve encará-las de conformidade com os fatores que as determinaram, constantes do comunicado das três potências reunidas na conferência de Potsdam. Dêle ressalta que: 1) Os terríveis crimes pelos quais o povo alemão é agora chamado à responsabilidade "foram cometidos sob a liderança daqueles a quem, em sua hora de triunfo, o próprio povo alemão apoiou e obedeceu cegamente; 2) Torna-se necessário convencer o povo alemão de que sofreu uma derrota militar total e que não pode escapar à evidente responsabilidade que lhe cabe, de vez que foram a sua própria maneira cruel de fazer a guerra e a fanática resistência nazista que causaram a destruição da economia alemã, tornando inevitáveis o caos e o sofrimento que ora atinge o povo alemão."

Transformação radical

Em face desta situação, os líderes aliados ordenaram a execução de medidas atinentes a transformar a Alemanha industrial e militar do passado em Estado de economia baseada primariamente no desenvolvimento agrícola e nas indústrias essenciais à sua subsistência pacífica. A despeito da enormidade dos crimes da Alemanha cometidos contra a humanidade, não há intenção dos aliados de destruir ou escravizar o povo alemão. Muito pelo contrário, a êle é proporcionado todo o ensejo de se preparar para a reedificação de sua vida numa base humana, democrática e pacífica. E, em devido tempo, lhe advirá logicamente a oportunidade de ocupar seu lugar entre os povos livres e pacíficos do mundo, se seus esforços neste sentido forem mantidos dentro de tão elevado propósito.

A completa desmilitarização da Alemanha, a abolição de qualquer instituição que possa servir para manter viva a tradição militar, e a eliminação ou controle de toda indústria alemã capaz de ser utilizada para fins militares foram medidas julgadas indispensáveis para evitar o renascimento ou a reorganização do militarismo alemão e do nazismo. O controle da Alemanha exercido pelas quatro potências aliadas está assente nos seguintes pontos essenciais:

Ficarão à disposição dos aliados ou serão por estes destruídas todas as armas, munições e material bélico assim como todas as facilidades específicas existentes para a sua produção, ficando outrossim abolida a conservação e produção, pelos alemães, de aviões, armas, munições ou qualquer material bélico;

Serão destruídos todos os vestígios do Partido Nacional Socialista e de suas organizações e instituições filiadas, abolidas as leis nazistas e processados os criminosos de guerra.

A educação alemã será completamente controlada de maneira a extirpar as doutrinas nazistas e militaristas e possibilitar o desenvolvimento das idéias democráticas;

O sistema judiciário será organizado de acordo com os princípios democráticos, de justiça sob a lei, e de igualdade de direitos para todos os cidadãos, sem distinção de raça ou credo;

O Presidente Truman conferencia, em território alemão, com o Gen. Eisenhower, supremo comandante dos exércitos aliados na frente oriental européia



A administração dos negócios públicos será organizada visando a descentralização da estrutura política e implantando o regime de responsabilidades locais;

Os governos locais serão restaurados sob normas democráticas logo que estiverem executadas as medidas de segurança militar e os propósitos da ocupação pelos aliados; será permitida e animada a organização de partidos políticos com direito de reunião e de discussão pública, aplicando-se na administração pública em geral o sistema representativo eletivo logo que se justificar a sua adoção;

Será permitida a liberdade da palavra, da imprensa e de religião, sujeita às restrições imposta pela segurança militar; serão respeitadas as instituições religiosas e permitidos os sindicatos trabalhistas;

A economia alemã será descentralizada com o propósito de eliminar a presente excessiva concentração de poder econômico conforme se verifica com a existência de cartéis, trusts e outros consórcios monopolísticos.

Uma nova Alemanha

A Alemanha do futuro será assim profundamente diferente da Alemanha do passado — uma nação organizada para beneficiar seu povo numa existência pacífica e proveitosa, mas sem as possibilidades de tornar-se novamente uma fonte de ameaça e de perigo para seus vizinhos ou para a paz do mundo.

O plano para a futura Alemanha, conforme foi estabelecido em Potsdam, constitui só por si um histórico empreendimento; contudo, representa apenas uma das importantes decisões tomadas da conferência com relação à paz. Outro passo de grande significação é a criação de um conselho de ministros de Exterior, representando os Estados Unidos, Rússia, Inglaterra, China e França, cujas funções também se prendem à solução dos problemas da paz na Europa. A primeira fase de seus trabalhos será absorvida na preparação de tratados de paz com a Itália, Romênia, Bulgária, Hungria e Finlândia, e no estudo da solução de questões de caráter territorial pendentes ao tempo da terminação da guerra européia. O conselho se encarregará também de formular o tratado de paz com a Alemanha, a ser aceito pelo seu respectivo governo, quando este estiver devidamente constituído.

A próxima admissão de uma Itália democrática no seio da família das nações foi uma das esperanças alimentadas durante a conferência. O Conselho de Ministros de Exterior ficou a cargo de elaborar o tratado de paz para a Itália, de maneira a facilitar o apoio dos três governos e também de outros ao pedido de admissão que será oportunamente feito pelo governo italiano à organização das Nações Unidas.

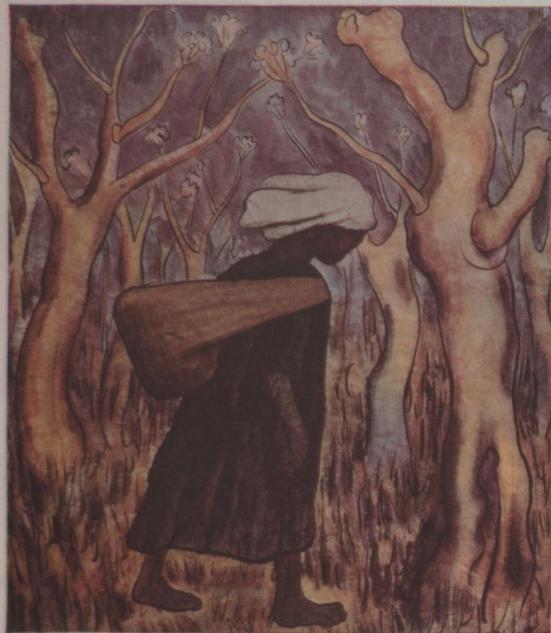
O comunicado de Potsdam acentua que "a Itália já se livrou do regime fascista e está fazendo excelente progresso no sentido de restabelecer um governo democrático."

Os três líderes concordaram na adoção de uma política única no que se refere à aprovação dos pedidos de admissão de outras nações ao conjunto das Nações Unidas. Mas declararam sua indisposição quanto à hipótese de idêntico pedido por parte do governo espanhol, o qual, "sendo fundado com o apoio das potências do Eixo, não possui as necessárias qualificações que justifiquem a sua participação, em vista de sua origem, sua natureza, seu passado e sua íntima associação com as nações agressoras, causas da conflagração que assolou tragicamente o mundo inteiro."

O Presidente Truman passando em revista, nos arredores de Berlim, uma divisão blindada norte-americana, das forças de ocupação da Alemanha



ARTE MEXICANA: 1920-1945



"Mulher entre árvores" de Diego Rivera, na Galeria de Arte Mexicana, Cidade do México. Em vários de seus trabalhos observa-se essa interessante comparação

"Epifania", belo quadro a óleo de Federico Cantú, é um conhecido episódio bíblico tratado num ambiente mexicano e com personagens tipicamente mexicanos



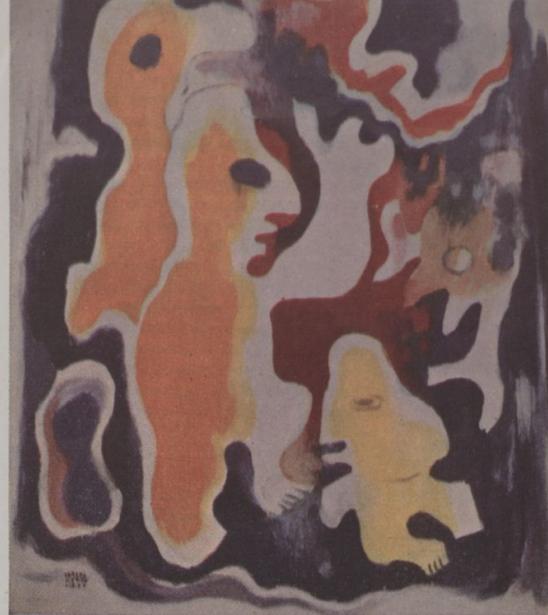
O autor deste artigo, MacKinley Helm, é uma autoridade em arte mexicana, sobre a qual escreveu um livro de grande aceitação pelo seu duplo valor informativo e apreciativo. Há seis anos que coleciona obras de pintores mexicanos, frequenta seus "ateliers" e exposições, com eles convive, e escreve sobre a moderna pintura no grande país amigo.

EM novembro próximo, o México comemora o primeiro quarto de século de sua *Epoca de la reconstrucción*. No que diz respeito às artes plásticas, seus pintores terão ensejo de fazer um estudo retrospectivo da obra de sua própria *época moderna*. Porque foi nos primeiros meses da nova era política, iniciada em 1920, por Alvaro Obregon, que os pintores mexicanos, uns procedentes das províncias, outros vindos da Europa, onde estavam pintando e estudando, começaram a convergir para a capital da república, dando início ao período dos famosos murais que marcam o advento da moderna pintura mexicana.

Os pintores que não se afastaram de sua pátria durante a revolução estavam com inspiração bastante para criar a nova arte, sendo que muitos deles, aliás, serviram-se dessa inspiração para animar o curso da revolução social. Aqueles que voltavam da Europa vinham senhores de uma nova técnica, e, assim, ambos os grupos dedicaram-se com afinco ao estudo e pesquisa da antiga arte de sua pátria, de modo a harmonizarem o espírito criador, baseando-se numa forma verdadeiramente mexicana.

As velhas fontes investigadas pelos modernos pintores do México, neste derradeiro quarto de século, formam uma série de nomes sobremodo típicos do cenário nacional: Tulum, Chichen Itzá, Uxmal, Labná, Malinalco, Xochicalco, Teotihuacan, Monte Alban e Mitla. Os tesouros arquitetônicos destas antigas cidades explicam vários dos aspectos da arte contemporânea mexicana, como o seu estilo monumental, a sua forma humana de acentuada imobilidade escultural, o desenho decorativo puramente abstrato e a marcante influência do traço e das cores para exprimir detalhes históricos ou costumeiros.

Durante todo o período colonial mexicano, a pintura, a escultura e a arquitetura foram trabalhadas harmonicamente, desde os murais na sua combinação rubro-negra das primeiras igrejas e conventos franciscanos e

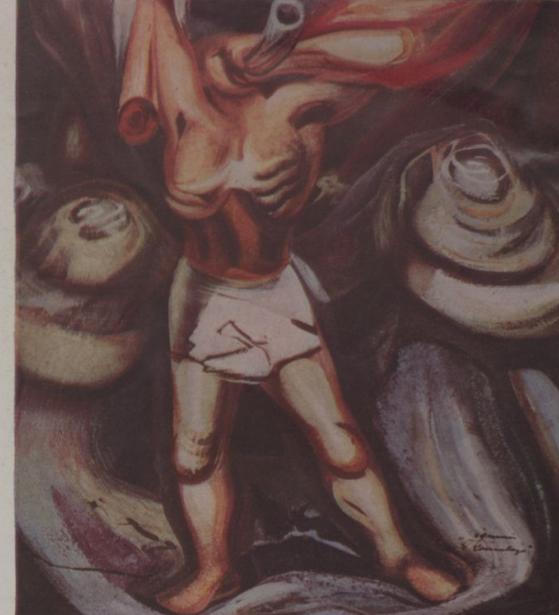


Nêste quadro, "O filho pródigo", Carlos Mérida, o pintor descendente dos índios Mayas, revela-se em formas características de suas concepções abstratas

augustianos, por todo o período barroco ou bizarro, que, por sinal, muito floresceu já um tanto tardiamente, até a decadência que se assinalou no século XIX. Ao alvorecer do século XX, um modesto renascimento de gosto artístico logrou ganhar terreno animado por um punhado de pintores professores que estudaram em França. Eram Julio Ruelas, cujos trabalhos traíam uma vivacidade francamente parisiense; Santiago Rebuill, que provocou sensação quando instituiu em suas aulas o modelo vivo; José Maria Velasco, criador de um estilo paisagista; Joaquim Clausel, cujos estudos impressionistas só agora voltam à moda no México, e, um pouco mais tarde, Alfredo Ramos Martínez, o pintor da escola barbizônica que inundou de ar e luz os corredores incolores da Academia de Belas-Artes. O Dr. Atl, patriarca do movimento, tornou ao México em 1907, vindo

(Continúa)

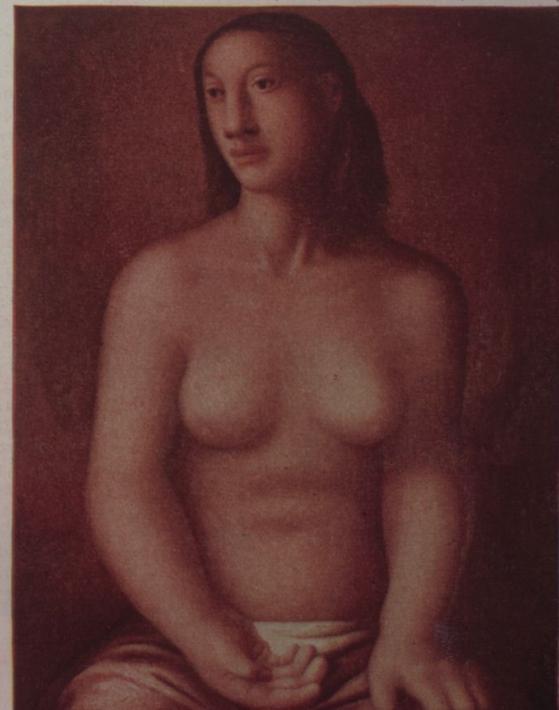
Na gravura à direita: Auto-retrato de José Clemente Orozco, cujo traço robusto se reconhece nos trabalhos que fez para o Museu de Arte Moderna de Nova York. Em baixo, à esquerda: Um afresco do artista, de uma série de trabalhos sobre a vida em Tehuantepec, em estilo característico do chamado *mexicanismo*



David Alfaro Siqueiros faz uso de máquinas para pintar seus violentas e históricos murais, como este, "Chamada às armas", da coleção Inés, do México



Na gravura abaixo: Quadro de Jesús Guerrero Galván, recentemente oferecido ao Museu de Arte de Filadélfia. (Obséquio das Galerias Perls, de Nova York)





Uma fantástica aquarela, "O filho pródigo", de Agustín Lazo. Coleção Xaxier Villaurrutis, do México



Um dos extravagantes auto-retratos da artista Frida Kahlo, da coleção Major R. S. Pirlé, Nova York. Em baixo: "Anunciação", soberbo trabalho do jovem pintor Guillermo Meza, da coleção Helen Wing, N. Y.

de Paris. Deu-se pressa em animar seus alunos na pintura da natureza, na paisagem a que ele se dedicava com tanto esmero e habilidade. Deu início à interessante série de estudos de Popocatepetl e do vale do México, que o tornaram famoso, e, com José Clemente Orozco, fez tudo para conservar viva a arte durante a década revolucionária iniciada em 1910 por Francisco Madero. O verdadeiro renascimento, porém, só pôde tomar impulso na era de relativa tranquilidade sob o governo Obregón.

O Ministro da Educação do novo governo, José de Vasconcelos, advogado e brilhante escritor, criou escolas ao ar livre na Cidade do México, sob a direção dos melhores artistas, como Julio Castellanos, que agora se notabiliza na cenografia; Rufino Tamayo, Carlos Marida, Miguel Covarrubias, o famoso caricaturista, e Antonio Ruiz, atual diretor da Academia de Belas-Artes. Vasconcelos encomendou-lhes também vários murais para edifícios públicos. E foi assim que se desenvolveu em toda a sua pujança o movimento artístico mexicano.

Os pintores que chegavam da Europa, Diego Rivera, David Alfaro Siqueiros, Roberto Montenegro e o jovem francês Jean Charlot, foram imediatamente solicitados para cooperar com os jovens artistas que, no México, agrupavam-se dando vigor ao movimento. Dentre os últimos, Ramón Alva de la Canal foi o primeiro a usar a técnica da pintura afresco num dos edifícios públicos; José Clemente Orozco, que não tinha raízes na Europa, provou ser o mais independente e mais hábil de todos, conquanto pertencam ao futuro as suas obras-primas sobre Guadalajara; e Fernando Leal, Fermín Revueltas, e Xavier Guerrero, que, mais tarde, pintou murais no Chile, começaram a trabalhar com grande entusiasmo, demonstrando que podiam pintar murais sozinhos.

O tema pátrio

A coligação artística que começara vizando o intercâmbio de idéias e de conhecimento técnico breve transformou-se em esforço pessoal para alcançar prestígio e prioridade, com Diego Rivera alcançando rapidamente a uma posição predominante. A terra pátria foi o tema de todos os novos murais: o México histórico e o novo México, verdadeiro céu apocalíptico na terra, com abundância de tudo, educação gratuita e todas as liberdades democráticas. Esta foi a fase propriamente pública do movimento. Mas nem todos os artistas que se esforçavam pelo renascimento da pintura mexicana trabalhavam aos olhos do público, para uma apreciação imediata.

Como sói acontecer em todos os períodos de grande atividade artística, a arte pública, no México, serviu para estimular a arte privada. No recesso de seus *ateliers*, os pintores estavam tão ativos quanto os arquitetos. E aqueles que preferiram seguir as suas próprias idéias foram os que salvaram o movimento do risco de acabar onde tinha começado.

Enquanto que a pintura era, como nas primitivas culturas indígenas, francamente didática e literária, a nova pintura de cavalete procurou explorar, de maneira essencialmente pictórica, as fases principais da vida mexicana. A arte pública era local e passageira. A arte particular, sem perder a sua feição genuinamente mexicana, começou a adquirir universalidade e variedade.

Os muralistas

Mas não se suponha que os muralistas ficaram menos ativos, Rivera, por exemplo, produziu o seu melhor trabalho em Chapingo, perto da capital mexicana. Orozco, após esgotar a sua energia barroca no período entre 1930 e 1940, em Guadalajara, regressou à capital para decorar a Suprema Corte. Siqueiros, tem interpretado a era da máquina. E vários dentre os moços, Alfredo Zalco, Luis Arenal, Antonio Pujol, Francisco Gutiérrez e o norte-americano Pablo O'Higgins, têm pintado murais em numerosas escolas em toda a república. Fora do México, entretanto, a moderna arte mexicana é geralmente conhecida pelos quadros e desenhos de seus pintores de gênero.

Dentre os artistas mais notáveis deste grupo destacam-se três pintoras: Frida Kahlo de Rivera, especialista em auto-retratos surrealistas; Maria Izquierda, cujos estudos da vida de circo são vastamente conhecidos, e Olga Costa de Chavez Morado, russa de nascimento, cuja telas têm emprestado considerável bom humor à característica melancolia da arte mexicana. Dos pintores, alguns há que já alcançaram fama universal. Rufino Tamayo exhibe todos os anos em Nova York, sendo geralmente apontado pela crítica como o maior expoente do *mexicanismo* artístico, isto é, senhor de um estilo cujas qualidades o distinguem da pintura francesa, norte-americana, etc. Tamayo expressa-se com figuras humanas de uma imobilidade que lembra a estátuária antiga, ao passo que suas cores sombrias realçam os tons trágicos com os quais o artista, procura apresentar a qualidade triste da vida no alto planalto mexicano.

Nos trabalhos de Raul Anguiano, um dos novos, encontra-se notável colorido, vivo e comunicativo; e nos animais de Federico Cantú há extraordinária graça e vivacidade. Mas as verdadeiras características da escola mexicana, no seu todo, encontram-se nas tonalidades tristes e na suspensão trágica que tanto distinguem os trabalhos de Tamayo. Mas, se a vida mexicana é essencialmente triste, conforme a interpretam os seus artistas, ela tem, não obstante, interessantes qualidades de grande valor filosófico que servem para equilibrar os efeitos das preocupações da vida quotidiana. Alguns pintores resolveram o problema resultante do conflito entre necessidade e satisfação aplicando uma solução puramente imaginativa. Agustín Lazo, por exemplo, com o seu patrimônio completamente destruído pela revolução, começou a pintar cenas vivazes de sua infância; Carlos Orozco Romero, deleita-se com suas figuras sonolentas, de tranquilidade e indiferença que dizem mais de um mundo menos preocupado; Manuel Rodríguez Lozano, amigo de Picasso e Modigliani, e um dos primeiros estudiosos do cenário provincial

mexicano, resolve o eterno conflito pessimisticamente, em pálidas visões de morte e imortalidade. As mais recentes paisagens de Orozco Romero realçam o tradicional desinteresse pelo cenário meramente geográfico mexicano. A arte contemporânea do México, é, de fato, intensamente humanística, predominando a figura humana em suas várias atividades e disposições de espírito. Até mesmo as paisagens de José Chavez Morado e de Gabriel Fernández Ledesma, ambos produtos da revolução, tipificam mais o homem que a natureza. Nêstes últimos meses, Juan O'Gorman revelou-se em interessantes estudos de localidades serranas, apresentando trabalhos em belos mosaicos, e Siqueiros produziu algumas paisagens fantásticas, em duco. Mas até então, apenas o Dr. Atl tomou a sério a paisagem, dedicando-se a ela com a proficiência de um Velasco.

Dos humanistas realistas, sobressai atualmente Antonio Ruiz, em trabalhos de pequenas dimensões geralmente comparados aos dos chamados *primitivos* flamengos. Ruiz é um mestre da sátira, na qual se revela com finíssimo espírito. Apesar de ser um dos poucos pintores *ciudadinos*, de mentalidade desenvolvida de acôrdo com a escola oficial da capital mexicana, suas simpatias são francamente pelo povo do interior, em seus pequeninos quadros de fino acabamento, expondo ao ridículo as inúmeras pretensões do *parvenu* urbano.

Carlos Mórdia, guatemalense de nascimento, mas mexicano de coração, desfruta uma posição única, com a sua apurada técnica, num ecletismo europeu-americano. Quanto às suas difíceis abstrações pictóricas, diz ele que assim pinta porque acredita que esta seria a técnica dos Mayas, seus antepassados, se vissemos hoje. Seus temas arcáicos representam uma linha reta ligando as velhas culturas aborígenes, como êsses notáveis efeitos que ainda se observam na cerâmica e nos tecidos mexicanos. Constituem desenhos de valiosa estilização.

Os moços

Outros produtos do movimento mexicano são pintores moços, nascidos durante o período da reconstrução, e outros que, em 1929, eram simples colegiais. Federico Cantú, dentre os últimos, é um dos produtos das primeiras escolas ao ar livre, tendo aproveitado bastante a sua estada em Paris, onde se aperfeiçoou na técnica do desenho, para o qual tem inatas qualidades. Cantú, com sua excelente cultura básica artística, é um dos pintores que bem demonstram que os conhecimentos clássicos emprestam vigor e qualidade ao moderno estilo. Quando, de centenas de desenhos que ele fez de animais do Jardim Zoológico de Nova York, escolheu um grupo para servir de unicórnios numa série de monótipos, o artista sentiu-se à vontade para apresentar uma concepção mitológica de plausível efeito. Jesús Guerrero Galván, o poeta do movimento

O Ministro da Agricultura mexicano M. R. Gomez apreciando o "Vale do México" do Dr. Atl (à direita).



O pintor Ricardo Martínez (à esq.) discutindo detalhes de sua "Paisagem mexicana" com Juan Soriano

(como se poderá dizer que Carlos Mérida é o músico), trata os seus temas regionais poéticamente, apresentando mulheres e crianças do interior conforme êle as guarda na memória, desde sua meninice.

José Chavez Morado, do mesmo grupo *intermediário*, continua a alcançar notáveis resultados seguindo as idéias dos revolucionários que fundaram o grupo. Agora, entretanto, seus trabalhos não se acentuam essencialmente pela veia política, predominante na sua obra, durante vários anos; Chavez Morado tende mais para o humanismo. Observa e regista, com objetividade e realismo, a vida da gente simples.

Assim também procede Raúl Anguiano, um dos pintores mais moços. E' na alma das ruas, no ambiente popular que ambos os artistas se inspiram. Três exemplos do trabalho dos moços servem para mostrar o excelente futuro que está reservado para a Academia de Belas-Artes da capital mexicana. Um deles, Guillermo Meza, desenha como se fosse um anjo moderno e desembaraçado num céu mácabo e suprarrealístico; outro, Juan Soriano, empresta uma admirável sensualidade ao seu colorido; e, finalmente, Ricardo Martínez, desenha inspirando-se em idéias de refinado espiritualismo a sugerir tempos e lugares de serena tranquilidade. Para êstes moços, a revolução é pouco mais que uma lenda. Preocupam-se menos pelo episódio histórico do que pela cultura histórica de sua própria raça. E' nesta direção, mais compreensiva, que se encontrará a influência da arte mexicana na futura arte das Américas.

A beleza do México desvenda-se neste renascimento artístico em muitos aspectos até então esquecidos ou relegados a um plano que não fazia justiça à obra impressionante dos astecas, cujas reliquias constituem a maior afirmação do florescimento de eras passadas.

A nova geração de pintores mexicanos inspira-se no belo passado de sua terra com o objetivo de consolidar um conceito de valores que é uma das mais honrosas tradições pátrias. O surto de atividade deste quarto de século é, pois, uma glória aos pendoros artísticos de uma raça. Sua influência far-se-á sentir pelo seu próprio mérito, entrelaçando as obras do passado com as mais legítimas aspirações da moderna arte mexicana.

"O novo rico", uma das sátiras do pintor Antonio Ruiz. (Coleção do Museu de Arte Moderna, N. Y.)



"Pescadores de Janitzio", marinha de Miguel Covarrubias, da coleção René d'Harnoucourt, Nova York. Em baixo: Retrato de Helena Rubstein, Princesa Gourielli, pintado pelo artista Roberto Montenegro



O Poder Bélico Aplicado a Paz

Muitos industriais americanos converteram rapidamente a sua produção para a paz. Aqui vemos novos refrigeradores elétricos construídos recentemente



ATIVA-SE A RECONVERSÃO INDUSTRIAL NOS ESTADOS UNIDOS

LIVRE da pressão da guerra, a vasta máquina produtiva dos Estados Unidos apresenta-se para os encargos da paz com a mesma eficiência, organização e flexibilidade que a transformou em formidável arsenal da vitória contra as forças da agressão. O sucesso da reconversão norte-americana de sua economia de guerra para as necessidades da paz terá inevitavelmente grande repercussão na prosperidade do mundo.

Côncios desta responsabilidade, os líderes, no governo e na indústria nos Estados Unidos estavam agindo febrilmente já antes da queda do Japão, acelerando a reconversão logo que a vitória pareceu iminente. E ao verificar-se a capitulação japonesa, dirigentes e dirigidos, em todas as camadas da atividade nacional, estavam unidos num único propósito: efetuar a transição para a paz, rápida e eficientemente.

A nação inteira bem sabia o que estava em jogo. Trabalho tinha que estar ao alcance de milhões de ex-combatentes e de operários da indústria de guerra; a produção industrial de paz teria de manter o seu ritmo em passos largos de modo a conservar constante ou altear mesmo o padrão de vida indispensável para proporcionar a todos uma prosperidade maior e assistir na grande reconstrução do mundo. Em vez de bombardeiros, tanques e canhões produzidos já por tanto tempo, impu-se a imediata produção de centenas de artigos de consumo civil, cuja escassez aumentava. Materiais que antes serviam para explosivos e armamentos encontrariam rápida aplicação na fabricação de melhores pertrechos da vida quotidiana em melhores residências, melhores escolas, melhores hospitais. Os efeitos da reconversão em grande escala de certo ultrapassariam as fronteiras dos Estados Unidos. As nações combatidas da Europa estavam aguardando os produtos essenciais para abreviar a sua reabilitação. Outras repúblicas americanas, cujos povos tanto se sacrificaram para ajudar a ganhar a vitória, precisavam

(Continúa)



A volta de centenas de milhares de ex-combatentes aos trabalhos normais é um dos grandes problemas deixados pela guerra. Mais de oito milhões de operários serão recolocados

A indústria americana de guerra entregou-se imediatamente, no que foi possível, aos trabalhos da paz para absorver o maior número de trabalhadores



de toda sorte de materiais urgentes para continuar o seu próprio progresso industrial. Por meio do intercâmbio internacional, a reconversão norte-americana seria fator preponderante na criação duma nova prosperidade mundial.

Para conseguir tal objetivo, a grande máquina industrial teve que ser posta em marcha à ré. A um sinal dado, cessou o ritmo de guerra em todas as fases da produção industrial de petrechos bélicos que estavam absorvendo quantidades colossais de materiais variadíssimos. Estes materiais, de valor inestimável em tempo de guerra, transformaram-se rapidamente em excesso indesejável, pronto para ter outros fins mais depressa possível. Bilhões de dólares em contratos foram cancelados logo que as regulações do governo cessaram as restrições, deixando o campo livre para a restauração da lei da oferta e da procura. E toda esta obra de vastas proporções tinha que ser concluída sem demora, para evitar qualquer prolongada solução de continuidade no aproveitamento de mão de obra e na produção industrial.

O plano geral

As autoridades competentes já tinham elaborado o plano que serviria de talão para a rápida reconversão, colocando na indústria privada toda a responsabilidade que lhe cabia assumir, ao mesmo tempo que providenciava para a pronta desmobilização militar do maior número possível de combatentes. As fábricas de propriedade do governo seriam liquidadas por intermédio da Companhia de Financiamento de Reconstrução em ação conjunta com várias entidades oficiais e a Junta de Bens em Excesso. Antes de se efetuar qualquer venda dos bens do governo, inspetores especiais certificarão da sua aplicação para utilidade pública, e não para propósitos monopolísticos.

Os contratos terminados também foram liquidados prontamente para possibilitar o rápido aparelhamento das fábricas para os trabalhos de produção de paz. Numerosos contrôles do governo foram abolidos ou continuaram menos rígidos afim de ativar a reconversão. Mas a regulação de preços e de alugueres continua em vigor até que um abastecimento mais abundante e a competição normalizada possam evitar os efeitos de uma ruinosa inflação. Os salários não sofrerão alteração, conservando-se nas escalas estabelecidas presentemente, a não ser que se imponha a necessidade de aumentá-los, na hipótese de um rápido declínio da capacidade aquisitiva.

De acordo com este plano foram suspensas as restrições relativas ao manancial humano, deixando livre o mercado de mão de obra. Terminou o racionamento de gasolina, de alimentos enlatados, de calçado e de outros artigos essenciais. Foi concedida a prioridade necessária para materiais destinados à construção de fábricas de produtos de consumo civil. O público estava agora com plena liberdade de comprar uma série de artigos escassos, desde roupas, rádios, máquinas de costura, etc., até automóveis. A construção civil entrou em atividade, dando impulso a muitas obras, algumas paradas por causa da guerra, outras ainda em planos de ansiada execução. Mas nem todas estas providências tomadas pelo governo, de acordo com as necessidades do momento, poderão evitar o deslocamento econômico, o choque natural de transmutação cujos efeitos far-se-ão sentir, retardando a produção civil e os trabalhos de distribuição num mercado suprido por grande variedade de indústrias.

O abastecimento de muitos materiais estratégicos, agora livres da pro-

dução bélica, não é bastante para atender à extraordinária demanda da nova produção civil. Não há estoque de carvão em quantidade suficiente para manter o trabalho industrial em ampla atividade, durante o próximo inverno. Borracha e estanho estão escassos; a madeira também está em crise. E ainda por causa de tropeços inevitáveis na distribuição e nos transportes, manifesta-se aguda a escassez de vários materiais em diversos centros consumidores do país.

Por sua vez, as deficiências nos estoques de equipamento e na própria mão de boa, em certas indústrias, causarão o retardamento da produção em níveis normais, com resultante delonga no emprego, em grande número, de operários que devem voltar ao trabalho. Automóveis, por exemplo, só em fins de 1946 estarão com a produção normalizada. A indústria de construção civil talvez necessite de um período de mais de um ano para regularizar seus trabalhos, abastecendo-se de materiais para as obras de edificação de casas particulares e casas de apartamentos cuja necessidade aumenta dia a dia. Muitos meses ainda decorrerão até que o grande público consumidor possa se abastecer de todos os produtos necessários, ou até que se restaure completamente o mercado de exportação.

O benefício mais importante que se fez sentir imediatamente nos Américas foi a possibilidade de uma rápida solução da crise de transporte, com a terminação do racionamento de gasolina e de outros produtos, nos Estados Unidos. O restabelecimento da paz é também um prelúdio para a restauração de serviços marítimos e aéreos, com maior número de navios e aviões nas rotas interamericanas e mundiais. A indústria pesada, livres das restrições que a guerra impôs à sua produção, está em campo livre para atender em escala crescente, ao consumo civil, sobretudo no que se refere a material para as indústrias automobilística e ferroviária.

Contudo, o abastecimento completo dos mercados normais absorverá muitos meses, tanto nos Estados Unidos como nas demais repúblicas americanas. As áreas libertadas continuam a exigir considerável fornecimento de alimentos, vestuário e equipamento essencial. Ademais, navios em grande quantidade continuam empenhados no serviço de transportar os combatentes das Nações Unidas de regresso às suas respectivas pátrias. Por tudo isto, a restauração do comércio interamericano e mundial terá que ser efetuada gradativamente.

A perspectiva

Os Estados Unidos prepararam-se para abater o choque causado pelo desemprego transitório neste período de reconversão. Quando ocorreu a capitulação japonesa, mais de um milhão de trabalhadores, de ambos os sexos, estavam desempregados, porque eram dispensados da indústria bélica e do serviço ativo das forças armadas mais depressa do que a indústria podia reempregá-los. No decorrer do ano próximo futuro mais oito milhões serão dispensados dos trabalhos bélicos. A este total se reunirão sete milhões de ex-combatentes, e, em qualquer hipótese, milhões destes desempregados não encontrarão trabalho imediatamente. Mas os planos para aliviar o desemprego em massa já estão elaborados. O Presidente Truman apoiou o projeto legislativo sobre a criação de mais empregos, de acordo com as necessidades, e o Congresso preparou-se para expandir a lei do Seguro Social, de modo a beneficiar aqueles que se encontram sem trabalho durante o período de reconversão. Estes trabalhadores terão também à sua disposição o concurso do Serviço de Emprego, enti-



Automóveis saindo das linhas de montagem para o grande mercado civil. Nesta como noutras indústrias a produção normal ainda absorverá muitos meses



Poucos dias antes de ser tirada esta fotografia, esta fábrica de Chicago estava fabricando canhões de 105mm. Agora está fabricando fogões de vários tipos

dade federal cujo fim é guiar o sem-trabalho, indicando-lhes as cidades, as fábricas, etc., onde vá se verificando a expansão industrial.

Conquanto possa a crise do desemprego assumir um caráter severo, há duas razões principais indicativas de que será uma crise passageira. Primeiro, vale considerar a enorme demanda de produtos civis, de todas as variedades, necessidade que vem se acumulando há já bastante tempo, por um período, que, em alguns casos, data da grande crise de 1929; ademais, existe agora grande poder aquisitivo no mercado consumidor, tanto por parte do público como de firmas industriais, prontas para expandirem suas atividades, adquirindo equipamento, etc. As economias do público consumidor atingiram níveis sem precedentes por causa da alta compensação do trabalho de guerra, e também pela falta de mercadorias no mercado, obrigando assim a uma restrição nos gastos. Os lucros industriais e as devoluções de impostos são outros fatores que contribuirão para uma aplicação mais ampla de capitais em novas fábricas e equipamento.

A não ser que o público consumidor seja presa de temores inesperados e se abstenha de gastar — o que não seria uma ocorrência normal — milhões de empregos serão criados nas indústrias produtoras de artigos bastante necessitados pelo grande público, que, só agora pode comprar.

Há também outros bons indícios no panorama da reconversão. A maioria dos que trabalham na indústria estão em fábricas que não precisam de ser reconvertidas, como, por exemplo, a indústria de produtos alimentícios. Com o declínio na compra de mantimentos para as forças armadas, aumenta o abastecimento do mercado interno e de exportação. A indústria de tecidos terá uns poucos problemas a resolver, em face da situação, porisso que muitos dos cotonifícios necessitam de nova maquinária para expandir a produção. Contudo, esta indústria está atualmente em condições de prover trabalho bastante em tempo relativamente curto.

Muitos fabricantes de produtos de tempo de guerra poderão prosseguir no mesmo ramo de atividade. Todo o maquinário destinado à construção de estradas e remoção de entulho, etc, de aplicação corrente nas bases aéreas e outras obras de defesa, terá grande saída durante a paz. Madeira, ferramentas, canos e outros artigos empregados na construção de quartéis e alojamentos, assim como outros materiais das indústrias básicas encontrarão um mercado ativo e agora mais amplo, pronto para absorvê-los.



Moças do Corpo Auxiliar da Marinha apressam-se em escolher seus chapéus — da última moda, depois da vitória, ao voltarem para a vida civil. Na gravura abaixo: Em vez de produzir pequenos tanques e peças para aviões de bombardeio esta fábrica de Detroit está agora produzindo tratores para a agricultura

Nesta fábrica de material elétrico, em Connecticut, seus operários não tardaram em preparar-se para a rápida reconversão destinada a suprir o mercado



Os famosos automóveis "jeep" do Exército americano também estão sendo convertidos para aplicações pacíficas como este que se vê operando numa plantação



A CASA BLAIR

UMA HISTÓRICA MANSÃO AO SERVIÇO DE
HÓSPEDES OFICIAIS

DO outro lado da rua, fronteiro ao edifício do Departamento de Estado e à Casa Branca, em Washington, destaca-se uma histórica residência, onde se hospedam presidentes, reis e ministros em visita aos Estados Unidos. É a Blair House, mantida pelo governo norte-americano desde 1942 para os hóspedes oficiais. Anteriormente, os visitantes ilustres hospedavam-se no edifício de suas respectivas embaixadas. Mas agora, a Blair House, convenientemente situada nas imediações do centro oficial, recebe essas altas personalidades prodigalizando-lhes todo conforto e hospitalidade em nome do povo dos Estados Unidos.

Nos últimos três anos, distintos representantes de mais de 20 das Nações Unidas têm honrado com a sua presença a secular mansão da capital americana, durante sua estadia em Washington. Alguns chegam incógnitos, como fez o comissário soviético V. M. Molotov, em 1942, quando veio consultar as altas autoridades governamentais americanas, apresentando-se simplesmente como *Mr. Brown*. O rei Pedro II, da Jugoslávia, também permaneceu incógnito na Blair House, durante dois dias, antes de começar a sua visita oficial.

Dentre os hóspedes do governo que têm estado na Blair House, aqueles procedentes das repúblicas americanas constituem o maior número. Ao ser inaugurada a casa em nome do governo americano, em 1942, o primeiro hóspede oficial foi o Presidente Manuel Prado, da República do Perú. Desde então, nove outros presidentes e presidentes-eleitos e três ministros de Exterior das outras repúblicas americanas já a ocuparam.

Mas mesmo antes de haverem estes ilustres visitantes dado um novo realce à famosa residência, a Blair House, por mais de um século, foi parte das mais interessantes no cenário da vida norte-americana. Seu nome provém de uma antiga e ilustre família de jornalistas, de altos dignatários da administração pública e de militares que ali moraram no decurso de um século.

Suas origens

Em 1830, por ocasião do governo do Presidente Andrew Jackson, Francis P. Blair, natural da Virgínia, veio para Washington afim de emprestar todo apoio ao novo presidente com o seu jornal, recentemente fundado. Afim de ficar mais perto do palácio presidencial, Blair adquiriu a casa que, 26 anos antes, fora construída na Avenida Pensilvânia.

Não tardou que a bela residência, de estilo tipicamente colonial, se tornasse o ponto de reunião predileto de elementos da alta roda social, política e governamental. O próprio Presidente Jackson costumava escapar às suas preocupações quotidianas na Casa Branca para palestrar, à noite, com o incansável jornalista na elegante Blair House. O Presidente Van Buren, sucessor de Jackson, também era um de seus assíduos frequentadores. E mais tarde, durante o período da Guerra Civil, o Presidente Lincoln, por duas vezes, apelou para os bons ofícios de Francis Blair para servir de intermediário entre o grande emancipador e Jefferson Davis, presidente da Confederação do Sul, constituída pelos Estados separatistas. A histórica mansão foi, anos depois, aumentada pela família Blair, passando a ter quatro andares, construídos de tijolo. Hoje, a fachada está coberta de estuco creme, com portais de alvenaria.

A Blair House contém em suas dependências preciosas coleções de documentos históricos, quadros e objetos que atestam do progresso da nação durante um período de mais de cem



O salão de jantar, mobilhado com cadeiras estilo Chippendale para 18 pessoas



O salão principal mobilhado com várias peças de estilo inglês, americano e francês



O salão de frente, em estilo de 1830, ano em que F. Blair adquiriu o imóvel

anos. Quando o imóvel passou das mãos da família Blair para o governo, tudo foi conservado tal como estava durante o tempo da família, preservando como uma preciosa relíquia todos os encantos de uma antiga casa senhoria. Até a sua zeladora, Mrs. Victoria Geaney, que há 29 anos se incumbia de manter a casa com a sua tradicional aparência, foi mantida pelo governo em suas funções para oferecer aos hóspedes oficiais o mesmo ambiente que deu à Blair House a tradicional reputação de captivante hospitalidade.

Seu mobiliário e os objetos de arte que adornam as salas e os quartos foram pacientemente selecionados por uma família intimamente ligada à história americana e notável pelo seu bom gosto. Em seu interior, a Blair House reflete a variada personalidade dos membros da antiga família; as peças do mobiliário e demais adornos, conquanto não estejam rigorosamente de acordo com os planos de um decorador de interiores, estão dispostos para conforto, e representam interessantes memórias do passado. No primeiro pavimento estão o salão de jantar e os grandes salões de visitas, um de cada lado do vestibulo. O salão de jantar, para dezoito pessoas, está guarnecido com cadeiras de estilo Chippendale e com uma mesa de mogno. Sobre a lareira vêm-se dois grandes vasos verde-esmeralda, parte da coleção de louça norte-americana. O salão à esquerda do hall está mobilhado com peças inglesas, francesas e norte-americanas do século XVIII, e vái ter ao jardim.

Também no andar térreo há uma sala que serviu de gabinete de trabalho de Montgomery Blair, filho de Francis Blair e diretor geral dos Correios, no governo do Presidente Lincoln. Nesta sala efetuou-se uma histórica reunião, quando Montgomery Blair ofereceu, em nome do presidente, ao coronel Robert E. Lee, o comando dos exércitos da União, ao irromper a Guerra Civil. Lee declinou do convite, declarando que suas simpatias estavam com os Estados do sul, aos quais se ligou, para comandar as forças contra os Estados do norte.

No primeiro andar do prédio está a sala real, assim designada por Mrs. Geaney, a zeladora, e destinada a acomodar os chefes das missões em visita aos Estados Unidos. Está mobilhada em estilo tipicamente norte-americano, vendo-se vários retratos de antigos presidentes. A seguir, fica o aposento reservado para o secretário ou ajudante de ordens. A sala da biblioteca estende-se de um lado a outro do prédio, com janelas para o jardim.

Ao lado do prédio há um outro, a Blair-Lee House, presente de casamento feito a Betty Blair e o almirante S. Phillips Lee. Este imóvel foi também adquirido pelo governo americano e destina-se a acomodar hóspedes oficiais. Em ambas as casas, os hóspedes do governo ficam completamente à vontade, como se estivessem em seus próprios lares, recebendo visitas, dando recepções e banquetes, enfim, seguindo qualquer costume especial de sua própria pátria, quando e como quiserem.

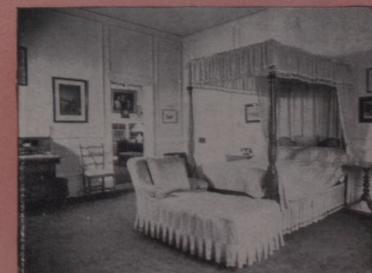


A biblioteca cobre toda a largura do antigo prédio. É também sala de espera



O salão Lee. Aqui foi oferecido a chefe do Exército da União ao General R. E. Lee

O famoso e pitoresco jardim, nos fundos da mansão, ainda conserva muito de seu tradicional aspecto



Aposentos destinados aos chefes das delegações, mobilhado em estilo colonial

A Casa Blair, onde se hospedam os dignatários oficiais estrangeiros em visita aos EE.UU.



Ann Curtis, de 19 anos, de San Francisco, Califórnia, é a campeã de natação deste ano, nos Estados Unidos, batendo 18 recordes em várias provas



Aos 13 anos, Ann considerou-se um fracasso, mas agora nada com uma precisão mecânica. Acredita-se que ela continuará batendo todos os recordes

CAMPEÃ DE NATAÇÃO

ANN CURTIS PROMETE BATER TODOS OS RECORDES

ANTES de completar seus 19 anos e sem haver ainda atingido a plenitude de sua destreza, Ann Curtiss, da Califórnia, é aclamada por seus admiradores como a mais formidável nadadora de todos os tempos. Seu treinador prediz que, antes de cinco anos, a esbelta campeã baterá todos os recordes de natação. Já é detentora de 18, em competições nacionais e de dois em competições internacionais.

É oportuno assinalar, como um fato singular de sua brilhante carreira desportiva, que, Ann, aos 13 anos de idade, numa crise de desalento, julgou-se um fracasso e esteve a ponto de abandonar a natação. Talvez tivesse razões para esse desanimo, e uma delas era que, nas competições de natação realizadas na costa do Pacífico, em 1939, chegou 70 metros atrás numa prova de 440 metros.

"Engordei muito e me sufoco, e por isto vou abandonar a natação para sempre", disse Ann, um dia, à sua progenitora. Esta, porém, se opoz a tal idéia, pois, sua filha há seis anos que prometia ser excelente nadadora, desde um dia em que um treinador, de Santa Rosa, Califórnia, instara com a então infante-juvenil para que nadasse uma hora por dia. O diretor de esportes numa piscina de San Francisco também se interessou pela sua perícia aquática e a inscreveu nas provas de campeonato realizadas em 1937 para meninas menores de 16 anos. Ann saiu vencedora e triunfou novamente nos certames de 100 metros no outono desse mesmo ano.

Foi então que a promissora carreira de Ann sofreu amargos tropeços. O treinador de natação da escola em que ela estava dedicava toda a sua atenção a acrobacias e bailados aquáticos. Transcorreram 18 meses destes exercícios e, para Ann, a natação se limitava a curtas distâncias. Ela perdeu a destreza, sufocava-se facilmente e seus músculos perdiam a necessária rigidez. Foi então que sofreu a derrota que a levou ao desalento, a ponto de querer abandonar completamente o esporte aquático.

Não obstante, sua mãe estava certa de que a filha necessitava apenas de treinamento rigoroso, e não hesitou em animá-la, declarando decididamente: "Não abandonarás a natação. Vamos agora mesmo falar com um bom treinador."

Charles Sava, um dos maiores treinadores de natação, foi o escolhido e aceitou a incumbência. "Logo nos dez primeiros dias perdi três quilos", lembra Ann, acentuando o rigor dos exercícios.

Todos os dias nadava uns três mil metros, aperfeiçoando as braçadas, a resistência e a respiração. Para aumentar a força de propulsão das pernas, o treinador colocou a certa altura de piscina uma polia com uma corda, atando uma ponta a um peso de 4½ k. e outra ao tornozelo da nadadora. E assim, durante meia hora movia as pernas, suportando o peso, sem usar os braços. Em seguida, exercitava-se só com os braços.

Em 1943, Ann estava em condições de enfrentar a prova mais resistente. No campeonato realizado novamente na Califórnia ela se inscreveu nas competições de 201, 402 e 81 metros, triunfando em todas as três. Em 1944 ganhou o campeonato em piscinas interiores nas provas de 201 e 402 metros. Na trigésima prova anual de natação da American Athletic Union saiu vencedora em mais três competições individuais. E atualmente é detentora de todos os recordes de nado livre, sendo a primeira concorrente feminina a conquistar tantos laureis desde o tremendo sucesso de Leonore Kight, há 12 anos.

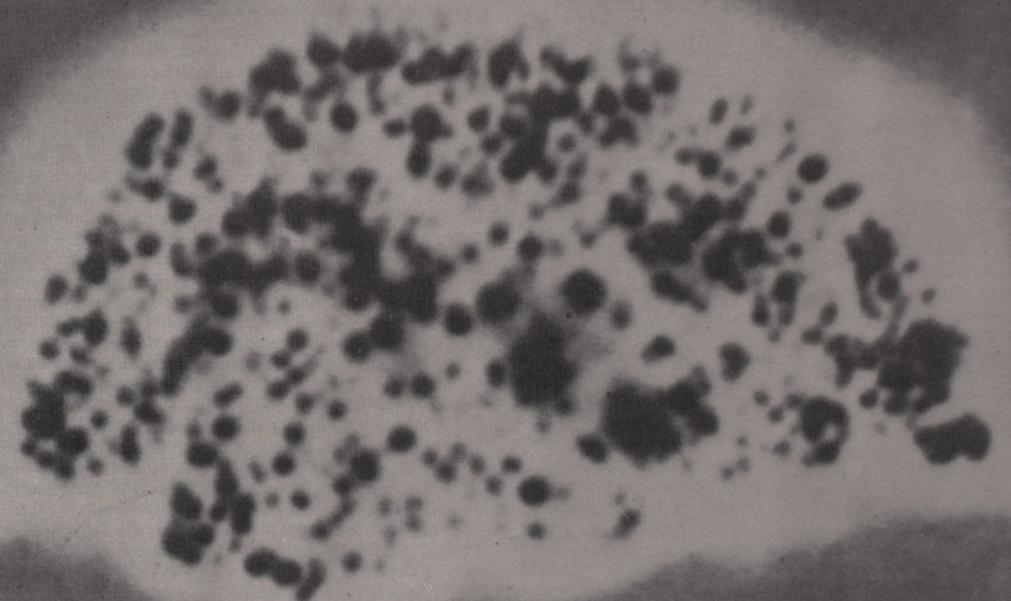
Detentora de 18 recordes alcançados em certames nacionais e dois em provas mundiais, a de 800 e a de 880 metros, nado livre. Por todas estas demonstrações aquáticas, Ann Curtis, aos 19 anos, é considerada por muitos profissionais como a maior nadadora do mundo. Na opinião do treinador Sava, Ann tem ainda cinco anos para chegar ao auge de sua carreira, quando então baterá todos os recordes de natação do mundo.

Ann, entretanto, é mais modesta, acreditando que só baterá uns cinco recordes. A seu ver, ela deve o seu sucesso principalmente ao excelente treinamento que tem tido. Graças aos exercícios racionais seu corpo desenvolveu-se guardando uma boa proporção entre altura e peso, respectivamente, 1 m. 79 e 78 k., que lhe permite uma vertiginosa velocidade.



A campeã Ann Curtis (à direita) e Jeanne Wilson, outra notável nadadora, apreciando o troféu recebido pela campeã como a melhor atleta americana

A ENERGIA ATÔMICA



E O ADVENTO DE UMA ERA DE IMENSAS POSSIBILIDADES

TRILHANDO a jornada sangrenta da guerra, a humanidade, em meados de 1945, chegou a uma encruzilhada decisiva, defrontando dois caminhos: um, conducente à paz e a maiores prosperidades; outro, direito à mais completa destruição.

A ciência, avançando sempre nos domínios do conhecimento humano, descobriu o segredo da energia atômica. É uma descoberta tão repleta de possibilidades para o bem e para o mal, que chega a dificultar a capacidade humana de compreender a sua inteira significação.

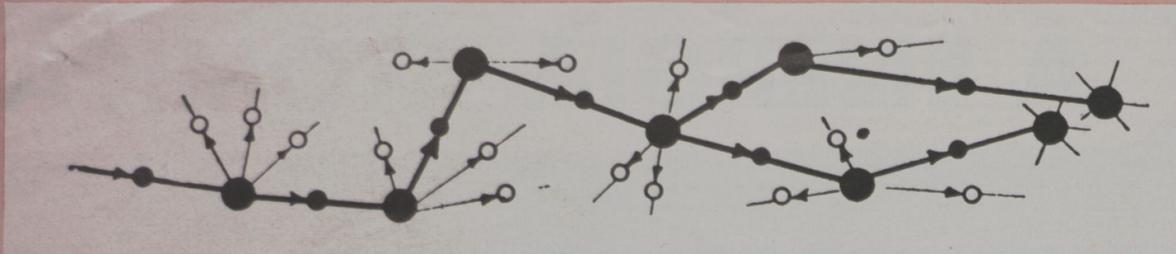
Como é comum na turbulenta história do homem, a descoberta foi utilizada primeiro na guerra, para esmagar sob um poder novo e formidável uma nação agressora. Mas trouxe a compensa-

ção de apressar o termo de uma longa e amarga luta. E com a guerra sumariamente terminada, a nova descoberta, comparada por muitos à descoberta do fogo em seus benefícios à civilização, apresenta a promessa de ajudar o advento de um radiante novo mundo de paz e de abundância para todos.

Dessarte, a idade atômica oferece duas vias à humanidade. Uma, através da utilização desta grande nova energia nas atividades pacíficas, nos labores construtivos e no aproveitamento industrial; outra, continuando a trágica repetição das guerras até o inevitável extermínio da humanidade. Em sua hora de seu merecido triunfo, as Nações Unidas delineam seus esforços para as aplicações da paz. O aproveitamento da energia atômica não é idéia nova, mas deve-se a esta guerra a intensificação das pesquisas a respeito.

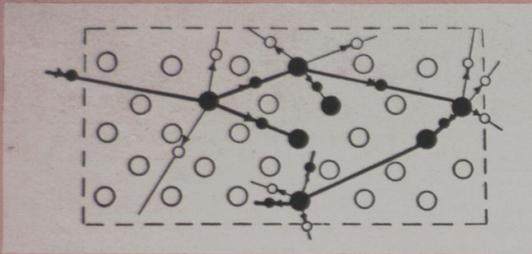
(Continua)

Os aeroplanos dos porta-aviões aliados muito contribuíram para a derrota do Japão antes mesmo de ser lançada a primeira bomba atômica contra o inimigo



Estes dois diagramas ilustram o princípio da separação atômica. No de baixo, o neutrônio "bombardeado" atinge o núcleo do átomo, separando-o. Os neutrônios que assim se separam vão, por sua vez, atingir outros núcleos, repetindo o processo. O diagrama de cima ilustra o princípio da ação encadeada, impactos que libertam a energia atômica

○ Núcleo de U235 —●— Neutrônio que choca
● O mesmo, explodindo -○- Neutrônio que não choca



lançados na corrida da energia atômica. Na reta da chegada ganharam os aliados. As perseguições raciais de Hitler deixaram-no sem os cientistas que poderiam tê-lo ajudado. Tarde de mais, a Alemanha verificou que eles tinham transposto suas fronteiras e estavam ajudando os aliados.

A derrota da Alemanha afastou a ameaça da devastação atômica nesse setor. E as maiores probabilidades eram de que, o Japão, apesar de suas pesquisas, ainda não estava em condições de produzir a arma atômica. Assim, coube aos povos mais pacíficos da terra, povos que poderiam ter sofrido a derrota porque não estavam preparados para a agressão, ficarem em poder de uma arma para pôr termo não somente a esta guerra, mas a qualquer guerra futura.

Foi tomada a decisão fatal. Com pleno conhecimento do tremendo recurso a ser lançado contra o inimigo, mas certo de que isto ajudaria a restabelecer a paz, o Presidente Harry S. Truman ordenou o lançamento da bomba. Seus efeitos nas importantes cidades industriais e fortificadas de Hiroshima e Nagasaki foram quase inacreditáveis, mas não foram além das expectativas dos criadores da tremenda bomba atômica. Duas demonstrações foram suficientes. Conquanto a Força Aérea pudesse lançar bombas de um extremo a outro do Japão, duas vezes apenas foram elas lançadas para persuadir os militaristas japoneses da aproximação da derrota, tornando, portanto, inútil prolongar qualquer resistência. E aqueles que as usaram esperavam nunca mais usá-las, certos de que, em Hiroshima e Nagasaki, haviam destruído para sempre o ânimo de fazer a guerra.

Sua ação na paz

Mas, seja qual for a eficiência da energia atômica na guerra, o seu potencial na paz é muito maior. É uma energia que, devidamente controlada, à medida que progredirem as atividades científicas neste sentido, será capaz de milhares de aplicações destinadas a beneficiar a humanidade. Nem todas as suas possibilidades se realizarão a um tempo. Muitos anos ainda virão antes de haver um automóvel acionado pela energia decorrente da separação atômica. Talvez ainda decorram séculos antes de se tornarem absolutos os preciosos elementos do nosso progresso atual — o carvão, o petróleo e a hulha branca; não obstante, as possibilidades aí estão. Está revelado o mistério do aproveitamento da energia atômica. As conquistas no campo da eletricidade; a descoberta da natureza eletromagnética da luz; a descoberta da rádio-atividade e dos raios X, e as análises espectrais foram lentas mas seguras etapas no conhecimento da decomposição e da complexa estrutura dos átomos.

Ilustrando este artigo há um diagrama contendo algumas das prováveis aplicações da energia atômica em futuro razoavelmente próximo. O aquecimento da água e do ar; a produção de vapor; a operação de algumas máquinas, etc., são resultados que se podem esperar da energia atômica, produzida e controlada cientificamente. Outro diagrama ilustra o princípio da separação atômica, a maneira como se opera a produção de uma energia de grandeza jamais conhecida pelo homem. Alguns detalhes esclarecem o fato. Como é sabido, toda matéria é composta de átomos, desde o nosso próprio corpo até o ar que respiramos. Um átomo é composto de uma família de elétrons agrupados em redor de um núcleo. Os elétrons são partículas extremamente minúsculas de eletricidade negativa em constante movimento. Todos são exatamente da mesma forma. O número e a disposição dos elétrons nos átomos é o que, em última análise, constitui a diferença entre um trilha de aço e um lenço de seda.

No centro de cada átomo há um núcleo, comparável ao sol com relação aos planetas (elétrons) que circulam em torno. Cada átomo é, portanto, similar ao nosso próprio universo, mas em escala tão minúscula que seriam precisos milhões de átomos para formar uma cabeça de alfinete. Dentro do átomo, os elétrons estão separados em relação a cada um deles e

em relação ao próprio núcleo tal como estão os planetas entre si e em relação ao sol. Assim, um átomo é quase todo ele espaço com um núcleo no centro e os elétrons circulando em torno, em suas respectivas órbitas. O núcleo ocupa apenas uma milionésima parte do volume de um átomo; contudo, nele se encerra quase toda a matéria. Os elétrons são principalmente energia. Quando, em sua órbita, os elétrons mais afastados se aproximam do núcleo, desprende-se energia. Numa reação química, isto toma a forma de calor, como se observa na queima de um combustível. Mas a verdadeira força atômica está no núcleo, e para se a obter é preciso separá-lo. O núcleo encerra uma energia que é, pelo menos, um milhão de vezes maior que a dos elétrons. O átomo do urânio, base da bomba atômica, é o maior átomo e também um dos mais fáceis de separar. Não é, entretanto, a única fonte de energia atômica. Os cientistas acham que, eventualmente, novos métodos serão encontrados de aproveitar a energia encerrada em qualquer material ou substância.

A separação do átomo

Os átomos de urânio são compostos de 92 elétrons circulando em torno de um núcleo formado de 92 prótons e de 141 a 148 neutrônios. O neutrônio é a arma usada pela ciência para separar o complexo atômico. O elemento isópodo do urânio, U-235, isto é, que tem igual número de elétrons na camada extranuclear e diferente núcleo, usado na bomba atômica, compõe-se de 92 prótons e 143 neutrônios.

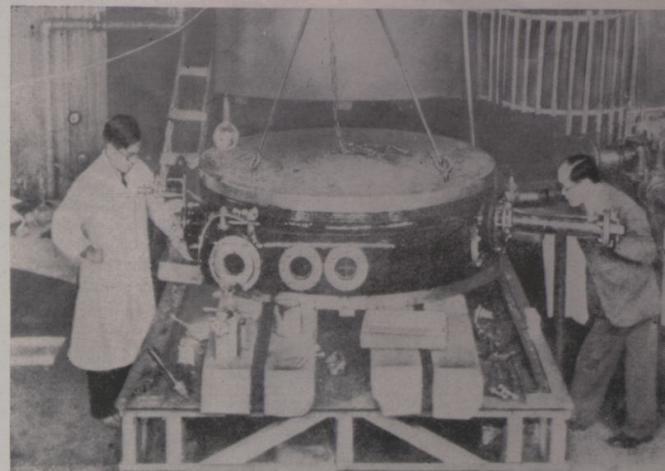
O neutrônio é o *lastro* do átomo. Tem peso, mas não tem carga elétrica, ao passo que o próton representa a carga de energia chamada energia elétrica. O problema é separar o núcleo para soltar a sua energia, fazendo-o de tal maneira que cada átomo, ao explodir, lança neutrônios contra outros átomos que, explodindo, também lançam outros neutrônios, e assim sucessivamente. Esta é a chamada cadeia em ação. A energia encerrada no átomo é descrita pelos físicos como "a misteriosa força de atração de uma massa por outra, tornando-se bastante poderosa a distâncias mínimas."

A separação se faz por meio do ciclotrônio, complicado e volumoso aparelho composto principalmente de duas placas em forma semicircular colocadas no campo de um poderosíssimo magneto. Nas placas faz-se mover, continuamente, em espiral, um feixe de prótons, os quais são acelerados por um potencial de alta-freqüência aplicado às duas placas. O funcionamento do aparelho se faz no vácuo, e sua utilização é para *bombardear* os átomos.

Antes da divulgação da bomba atômica, de há muito que os cientistas separavam átomos, mas ainda não tinham conseguido a ação conexa, a única que possibilita a produção de energia em quantidade utilizável. O método pelo qual se alcançou este resultado utilizado na bomba atômica não é do domínio público e talvez não continue em segredo durante algum tempo, mas é possível discutir certos aspectos, teoricamente.

Nas primeiras experiências, a massa a ser explodida era bombardeada por neutrônios que se projetavam a velocidades tremendas. A área do átomo era, porém, tão vasta e tão vazia que os *tiros certos* eram difíceis e raros. Descobriu-se, entretanto, que lançando os neutrônios através de certas substâncias, como a parafina, etc., os mesmos se retardavam e, em vez de passarem rapidamente pelo núcleo ao qual deviam atingir, caíam dentro da órbita do átomo, acertando no núcleo. Este se partia, soltando a sua energia, lançando neutrônios que iam atingir outros núcleos, formando a ação conexa.

Aí está, em forma imperfeita porque pouco se tem revelado a respeito, a maneira como se liberta a energia atômica. Quando, mais tarde, se divulgarem os métodos empregados na produção da formidável bomba atômica, talvez se venha a verificar que novas idéias e novas técnicas tiveram que abrir o caminho na solução do problema, durante o curso das intensas pesquisas terminadas com êxito tão marcante para a vitória dos aliados.



Os alemães e os japoneses também estiveram ativos na busca da arma atômica. Esta fotografia, de antes da guerra, mostra um ciclotrônio instalado em Tóquio

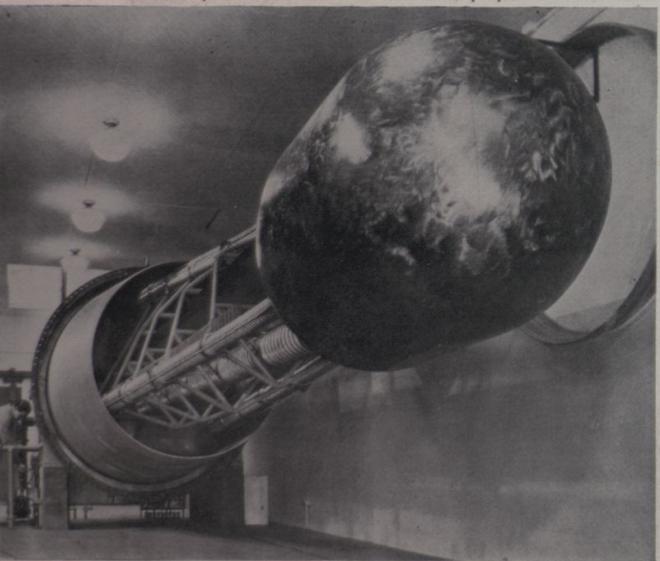
Mas, seja como for, uma coisa é certa: a energia do átomo está, afinal, aproveitada praticamente — e por um povo livre que pôde reunir e organizar os melhores cérebros e os melhores técnicos; pôde construir verdadeiras cidades, centros fabris envolvidos em absoluto segredo, e pôde despender capitais enormíssimos nas pesquisas cujo fim era, primeiro que tudo, possibilitar a vitória total e rapidamente, e, depois, aproveitar todos os benefícios resultantes da nova descoberta para a reedificação de um mundo melhor e em paz. A bomba cujos efeitos abismaram o mundo encerrava, realmente, a imensidade misteriosa da grandeza cósmica. Mas todos os seus elementos podem ser e serão postos ao serviço do progresso da humanidade. Este é o compromisso assumido pelas três nações detentoras do segredo.



A fábrica de Oak Ridge, Tennessee, um dos centros de produção da bomba atômica. Os Estados Unidos construíram várias destas fábricas, secretamente

Cientistas alemães, de há anos interessados nas experiências, ativaram seus trabalhos. Japoneses cientistas também já estavam experimentando, e, há cinco anos, construíram um ciclotrônio, o aparelho bombardeador de átomos. Nesta formidável corrida, mesmo antes da entrada dos Estados Unidos na guerra, foi lançado todo o poder das vastas organizações norte-americanas, industriais e de pesquisas. Cientistas britânicos reuniram-se aos trabalhos, e, no Canadá, cientistas e o governo prontificaram-se a ajudar no fornecimento dos materiais necessários. O segredo é do exclusivo domínio de três nações — Estados Unidos, Inglaterra e Canadá. O saudoso Presidente Franklin D. Roosevelt, por iniciativa própria, providenciou para que fosse posta à disposição a maior soma em dinheiro jamais dedicada a uma pesquisa científica: dois bilhões de dólares foram

O ciclotrônio de 20 toneladas da Universidade de Notre Dame, na Califórnia, usado para o "bombardeio" de átomos nas pesquisas de física nuclear



Sir James Chadwick, cientista inglês enviado para os EE.UU., para participar nos trabalhos



A comissão nomeada pelo Presidente Truman para tratar do futuro uso da energia atômica. Da esq. para a dir.: G. L. Harrison; Maj.-Gen. L. R. Groves, e Drs. J. Conant e V. Bush, este director do Bureau de Pesquisas



Cidade do Futuro

MUITAS cidades nos Estados Unidos aguardavam a cessação da guerra para iniciar um período de completa remodelação urbana. Com materiais e mão de obra mais fáceis, poderão dar execução aos planos que as tornarão primores de urbanismo, proporcionando aos seus habitantes uma vida mais agradável em todos os sentidos — social, material e higiênico.

O zoneamento prevalecerá como fator indispensável, colocando cada área, industrial, comercial, etc., ao alcance de todos os meios de transporte, mas separadamente. Dos planos sobressai como das mais importantes a eliminação dos bairros atrofiados pela pobreza de suas habitações e pelo congestionamento do traçado. Haverá amplo espaço para a construção de residências modernas, dotadas de todos os melhoramentos e petrechos que conduzem a uma vida doméstica livre de preocupações elementares.

Conquanto os planos exijam tempo, muitos anos para sua completa realização, os projetos adotados terão andamento em etapas de acordo com os recursos financeiros locais e com a limite de utilização dos prédios existentes nas áreas a serem remodeladas.

Notável exemplo desta recomposição urbana é o plano adotado pela cidade de Toledo, a ser executado com a urgência que a obra justifica. Toledo é uma cidade de 300.000 habitantes, no Estado de Ohio, situada às margens do lago Erié, um dos cinco Grandes Lagos. Seu pórtio é o segundo em tonelagem de navegação e o maior do mundo em movimentação de carvão. Sua situação, à embocadura do rio Maumee, o maior rio que deságua nos Grandes Lagos, a tornou um grande centro de embarque de carvão, minério de ferro, petróleo, cimento, cereais, pasta de celulose e outras mercadorias de grande consumo. É também o centro norte-americano da indústria do vidro, razão porque é conhecida como a *capital de vidro do mundo*. Como importante cidade industrial destaca-se também pela

fabricação dos famosos automóveis *jeeps*, de grande popularidade entre as forças combatentes das Nações Unidas.

Sob muitos aspectos, o desenvolvimento da cidade de Toledo é característica das cidades americanas. Em geral, surgiram às margens de rios ou de lagos, e, mais tarde ao longo de importantes estradas e, depois, ao longo de vias férreas. Edificaram-se de acordo com as conveniências ou necessidades de suas crescentes populações ou das indústrias que se expandiam. Quase todas desenvolveram-se sem seguir qualquer plano pre-estabelecido.

Expansão urbana

O plano das cidades era simples. Primeiro, o pequeno centro comercial, ladeado pela escola, a igreja, o fóro, etc., e as casas de residência que se distendiam em várias direções até se confundirem com a zona rural. À medida que a comunidade crescia, as casas de moradia mais próximas iam se transformando em casas comerciais, e o trecho residencial, por sua vez, ia se afastando. Mas às vezes, as casas continuavam, desvalorizadas como residências, acabando por se transformarem em áreas decadentes. As fábricas surgiam na antiga zona residencial, e todos quantos podiam se afastar, afastavam-se do ambiente ruidoso e fumarento das indústrias. Formavam-se novos bairros e subúrbios, já então de construção mais elaborada e pitoresca.

De sorte que, as cidades, em seu rápido e intenso crescimento mal se davam conta de vários resultados da transformação. As estradas de ferro cruzavam-nas com suas linhas, em todos os sentidos; as ruas seguiam o tradicional traçado em xadrez ou seguiam as vias de menor resistência, numa topografia acidentada. A população via-se a grandes distâncias de seus centros de trabalho, sem dispor de vias diretas de comunicação. Com o surgir do automóvel, veio o problema do trânsito urbano em ruas abertas para carros e carroças. E a sempre ativa pre-



"Maquete" da futura cidade. Mede 20 metros de comprimento e absorveu dois anos e meio de planos, estudos e pesquisas, custando 250.000 dólares

sença de forasteiros, aumentou o congestionamento, mal crônico de numerosas cidades. Jardins e *playgrounds*, em geral, eram simples espaços abandonados durante o crescimento da cidade. As pontes eram situadas em pontos que, em pouco tempo, as tornavam inúteis para satisfazer às necessidades do tráfego, sobretudo quando, construídas sobre rios de grande navegação comercial, tinham que ser abertas frequentemente para dar passagem às embarcações.

O advento da aviação trouxe outro problema: os únicos locais que se prestavam para aeroportos eram situados a grande distância do centro da cidade, obrigando os passageiros a fazerem um longo percurso, com grande perda de tempo.

Toledo é uma cidade assim. Mas o seu desenvolvimento impoz a necessidade de um plano para a Toledo de amanhã. E o plano conta com o concurso de grandes autoridades no assunto, como Norman Bel Geddes, um dos maiores engenheiros industriais norte-americanos, e o major Alexander de Seversky, o famoso técnico aeronáutico, de renome universal.

O projeto visa aproveitar da melhor maneira as terras disponíveis. São todos acordes em que a cidade está bem situada, mas 28 por cento de sua área está por construir. Há outras áreas cujas construções devem ser francamente condenadas; e, quanto à indústria, há numerosas fábricas espalhadas pelo centro da cidade.

Toledo foi fundada às margens de um grande pórtio natural, mas o tráfego fluvial pelo rio Maumee tinha que ser feito pelo coração da cidade, com destino às várias fábricas. Por esta razão, o centro industrial deve expandir-se em redor do pórtio, movimento que já está iniciado. As fábricas antigas não mais são reconstruídas nos mesmos locais; a indústria desloca-se para

o moderno centro, deixando livre outras áreas, que, em próximo futuro, terão melhor aplicação. O plano de remodelação urbana de Toledo aproveitará todo o seu desenvolvimento, pondo em ordem os vários elementos que compõem a sua vida intensa de cidade industrial, com uma população que, pelo esforço de seu próprio trabalho, faz jús a todos os confortos da vida moderna. O traçado de suas amplas ruas, as vias de ligação entre o centro e os bairros e subúrbios, serão modelos de urbanismo.

A cidade será a primeira, nos Estados Unidos, dotada de um centro para o qual convergirão todos os meios de transporte — aéreo, ferroviário e automobilístico. Para ressaltar a importância de Toledo como centro ferroviário basta citar o fato de ser a cidade servida por doze estradas de ferro.

Preparando-se para o grande desenvolvimento do tráfego aéreo, Toledo terá um aeroporto especial de grandes dimensões, situado a cinco minutos da cidade, para servir aos maiores aviões. Em torno da área portuária outro grande aeroporto será construído destinado ao movimento aéreo de carga. Para a aviação particular haverá três aeroportos situados perto das principais rodovias, em três pontos da cidade.

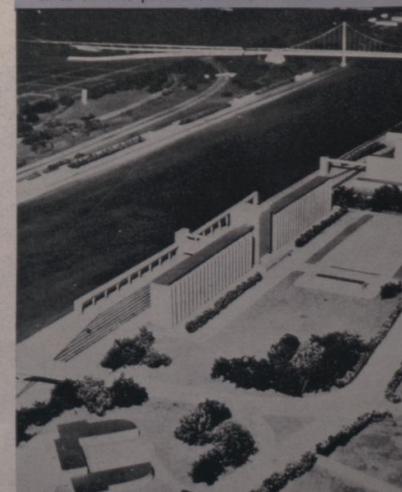
Um bem elaborado projeto de rodovias modernas facilitará a entrada e a saída da cidade por meio de estradas livres de qualquer cruzamento. Serão vias para o tráfego direto, com vários pontos de acesso intercalados cada mil e quinhentos metros ao longo do percurso.

Toledo é uma das cidades melhor preparadas para a moderna planificação rodoviária. Antes de resolver a escolha de ruas e estradas a serem melhoradas, o governo municipal enviou questionários a todas as famílias com filhos em idade

escolar, indagando detalhes que pudessem servir de base para qualquer alteração nas vias de comunicação da cidade. Com as informações obtidas, a municipalidade sabe ainda qual é a tendência do tráfego urbano de veículos nas horas de maior movimento, podendo assim providenciar para evitar o congestionamento futuro quando a cidade atingir seu completo desenvolvimento dentro dos moldes da remodelação ora planejada.

O custo da vultuosa obra não deixa de preocupar o governo local; mas em face do crescente progresso da cidade, o que mais preocupa seus habitantes são os inconvenientes que a falta de uma planificação acarretariam mais cedo ou mais tarde. A expansão de Toledo é tão rápida que a cidade não pode mais se expor aos riscos do passado. Será, portanto, uma cidade modelar.

Os pontos de embarque de cereais também serão servidos por caminhões e estrada de ferro



Modelo da cidade de Toledo, Ohio, tal como será em futuro próximo—melhor e mais acessível

Vista área da importante cidade de Toledo, atualmente bastante congestionada, mas com a vantagem de ser situada num lago e na embocadura de um rio





Símbolo da barbaridade e da vilania nazista—o horrroso campo de concentração de Belsen, onde morreram torturados milhares de prisioneiros

Os Nazistas Pagam por seus Crimes

COMO punir os nazistas responsáveis pela hecatombe da guerra européia e pelos crimes bárbaros cometidos contra populações indefesas é um dos problemas mais complexos que defrontam as Nações Unidas desde a derrota da Alemanha. A aplicação de penas de morte em massa nada seria em comparação com o extermínio brutal e premeditado de populações inteiras. Considerando, pois, a inocuidade da pena, devem ser postos em liberdade os nazistas até agora capturados? Ou, aplicando a pena de tálion, devem ser exterminados pela fome, por doenças e pela tortura milhões de alemães, tal como foram exterminados milhões de seus vizinhos?

Entre os dois extremos, entre a benignidade e a selvajaria, os aliados buscam o método mais prático e mais expedito de julgar os criminosos de guerra. O método deve ser tal que satisfaça o espírito de justiça da humanidade, "sem ser uma decepção para os mortos nem uma vergonha para os vivos," conforme declarou o representante dos Estados Unidos na Comissão de Crimes de Guerra, então em seus trabalhos preliminares. O tribunal militar internacional que deverá julgar os principais nazistas responsáveis pela guerra de agressão já foi estabelecido em Londres

pela Comissão composta de membros representantes dos Estados Unidos, do Reino Unido, Rússia e França. A forma do processo foi elaborada pelo representante norte-americano Ministro Robert H. Jackson, da Corte Suprema.

As atribuições do tribunal são das mais importantes e difíceis, e aqueles aos quais cabe a responsabilidade de julgar os réus de crimes de guerra são acordes em considerar que uma simples exação de vingança, como era de costume nas guerras da antiguidade, anularia os propósitos de edificar um mundo melhor, baseado no espírito de paz e de justiça. Agirão, entretanto, animados pelo imperioso dever de punir os culpados, deixando para as gerações futuras a certeza de que, sob a égide da lei e do direito, não terão como escapar ao devido castigo todos quantos cometerem crimes contra a civilização, revertendo aos tempos bárbaros. Líderes e asseclas serão inexoravelmente punidos, mas em processo regular, com rigoroso exame das provas. Tarefa tão vultuosa, jamais levada a efeito com sucesso pelos vencedores em qualquer outra guerra na história da humanidade, esta de agora exige a cooperação de muitas nações para a ação conjunta e par a ação local nos países cujas auto-

As Nações Unidas organizam-se para punir os criminosos de guerra alemães. Aqui vemos o juiz Wright, da Inglaterra, na Conferência sobre Crimes de Guerra



Alguns dos membros da delegação dos Estados Unidos junto à Comissão sobre os Crimes de Guerra, durante a sua primeira sessão realizada em Londres



Todos os esforços são feitos para despertar no povo alemão a sua responsabilidade na guerra nazista. Vê-se à direita mulheres alemãs ao saírem de um cinema onde viram filmes dos seus campos de concentração. Em baixo: Oficiais alemães capturados. Comprometidos nos planos para outra guerra, mostram-se indiferentes



ridades têm sob sua guarda prisioneiros nazistas acusados de crimes de guerra.

O plano geral foi, felizmente, cogitado com bastante antecendência. Já na Declaração de Moscou, de 1943, assinada pelo Presidente Roosevelt, Primeiro-Ministro Churchill e Marechal Stalin, se estabeleceu que todos os responsáveis por atrocidades e massacres durante a guerra seriam extraditados para os países nos quais os crimes foram cometidos, afim de serem julgados de acordo com as leis locais. Os acusados compreendidos nesta categoria são geralmente denominados criminosos de guerra locais.

A referida declaração alude também a outra categoria de criminosos de guerra, isto é, os cabeças. De conformidade com o que ficou então resolvido, estes responsáveis ficariam sob a jurisdição de um tribunal composto de autoridades especialmente indicadas pelos governos aliados. A terceira categoria de criminosos de guerra abrange aqueles cujo julgamento é da alçada dos tribunais militares do país do ofendido, hipótese em que também se torna indispensável a cooperação internacional. Neste sentido há, por exemplo, o caso dos civis alemães acusados de haverem matado brutalmente três aviadores norte-americanos. As autoridades francesas colheram tôdas as provas necessárias para a formação da culpa, pondo-as à disposição das autoridades militares norte-americanas que, dessarte, puderam efetuar a prisão dos culpados e encetar o processo. Os tribunais militares já julgaram e aplicaram a pena de morte a vários acusados; outros, entretanto, foram absolvidos por insuficiência de provas, circunstância que bem evidencia o rigoroso critério de justiça predominante nesses julgamentos. Há ainda nesta categoria de criminosos (Continúa)

Para acentuar a responsabilidade alemã nos crimes de guerra, os aliados organizam exposições fotográficas mostrando ao público várias cenas de horror



Todos os soldados das forças de Himmler são suspeitos de crimes de guerra. Este soldado foi capturado pelos aliados durante uma das constantes buscas



Um dos maiores crimes de guerra foi a morte infligida pelos alemães a numerosos prisioneiros aliados. Aqui vemos um alemão acusando um soldado nazista





Isto era Lidice, na Tchecoslováquia. Era uma pequena e próspera localidade que os alemães arrasaram completamente, porque, não em Lidice, mas em Praga, o carrasco nazista Reinhard Heydrich foi assassinado por patriotas. Esta cena foi tomada quando os soldados aliados prestavam homenagens aos mortos da vila

os nazistas extraditados para serem julgados como mandantes do massacre ocorrido numa vila polonesa; os que incendiaram estabelecimentos comerciais de israelistas, na Bélgica, e os que contaminaram criminosamente os reservatórios d'água na Urânia. A comissão de Crimes de Guerra providencia para a extradição destes acusados, de acordo com as provas que consubstanciam os respectivos libelos acusatórios submetidos pelos governos interessados.

Os traidores

Ademais destes casos há os crimes de alçada privativa de cada nação, em matéria referente ao julgamento de seus próprios nacionais acusados de traição, como o propagandista *Lord Haw Haw*, que, pelo rádio de Berlim, dirigia diatribes aos seus compatriotas ingleses; personagens políticos, como Pierre Laval, e outros, acusados de haverem se mancomunado com o inimigo, como o célebre Vidkun Quisling, da Noruega, etc. Este grupo constitui a quarta categoria de criminosos de guerra.

A dificuldade da prova naturalmente varia de acordo com as circunstâncias e a natureza do crime. O ataque a casas comerciais por numeroso grupo de homens uniformizados, armados de metralhadoras, espalhando o terror nas ruas duma cidade, é um caso de identificação difícil na ocasião de apurar responsabilidades. O extermínio de refugiados, em campos de concentração foi, em alguns casos, total, não deixando sobreviventes para os necessários esclarecimentos durante a formação da culpa. As autoridades aliadas reconhecem a impossibilidade de punir muitos culpados que se acobertam sob o anonimato em tais circunstâncias; contudo, estão determinadas a chamar à responsabilidade todos os cabeças e instigadores colhidos nas malhas da justiça.

Na opinião do representante dos Estados Unidos, "torna-se indispensável proceder criminalmente contra o grande elemento oficial e os dirigentes das organizações responsáveis por essa política de crimes, pois só assim haverá uma justa reivindicação de muitos dos atos mais brutais praticados durante a guerra."

Ao designar o Ministro Robert H. Jackson para representar os Estados Unidos na Comissão de Crimes de Guerra, o Presidente Truman confiou a grande responsabilidade a um dos mais notáveis juristas americanos. Aceitando o encargo, o Ministro Jackson externou francamente sua opinião sobre o momentoso julgamento dos criminosos de guerra: "Os Estados Unidos defrontam a inescapável responsabilidade da condução de um inquérito, de preferência associados a outras nações, mas sozinhos, se for necessário, para apurar a culpa daqueles contra os quais há causa provável para acusar de atrocidades e de outros crimes. Nós já temos alguns destes indiciados sob nossa custódia. Os Estados Unidos procurarão determinar a culpa ou a inocência de cada acusado de con-

formidade com uma verificação de provas tão desapaixonada quanto permitam os tempos que atravessamos e a impressão deixada pelos horrores aos quais vamos nos reportar. Será um procedimento jurídico no qual ficarão assinalados bem claramente as nossas razões e os nossos motivos."

Em meado de 1945, o Ministro Jackson esteve em Paris, Frankfurt e Paris conferenciando com as autoridades militares americanas; examinando as provas já colhidas em muitos casos; estudando vários planos de ação com os agentes investigadores da Comissão de Crimes de Guerra, procurando sempre manter uma completa união de vistas quanto ao procedimento geral entre as várias nações interessadas.

De regresso aos Estados Unidos, mostrou-se confiante do progresso alcançado relativamente à maneira como os Estados Unidos levarão a efeito a sua participação nos julgamentos. Segundo suas conclusões, os nazistas serão julgados em face de três maiores acusações:

1) Ofensas contra pessoas ou propriedades em violação do direito internacional, como, por exemplo, matar os feridos, recusar asilo, tratar mal os prisioneiros de guerra, atacar localidades indefesas, envenenar reservatórios ou cursos d'água, praticar a pilhagem e maltratar os habitantes de territórios ocupados.

2) Atrocidades e perseguições praticadas desde 1933, em bases raciais ou religiosas. Estes crimes violam "os princípios das leis penais das nações civilizadas, princípios que, desde 1907, estão incorporados como bases essenciais do direito internacional.

3) Invasão de território estrangeiro e iniciação de guerra agressiva em flagrante violação do direito internacional e tratados.

Justificando o plano de ação, declara o Ministro representante dos Estados Unidos na Comissão de Crimes de Guerra: "É evidente que, para todos os homens de critério e boa vontade, o crime ao qual estão subordinados os demais crimes é o de fazer a guerra injustificada. O direito internacional, tradicionalmente, estende o seu manto protetor no caso da guerra legítima. Grotius, pai do direito internacional, distingue, entretanto, a guerra defensiva e a guerra agressiva. Impõem-se a necessidade de um direito internacional revigorado, combinando os antigos princípios de Grotius e o espírito que anima os tratados e acordos conforme têm sido elaborados nestas duas últimas décadas, num esforço acentuado de colaboração internacional."

Citou ainda o Protocolo de Genebra, de 1924, segundo o qual 48 governos declararam que "a guerra de agressão constitui um crime de guerra"; a unânime resolução, de 1927, firmada pelos representantes de 48 membros da Liga das Nações, inclusive a Alemanha, afirmando novamente que "a guerra de agressão é um crime de guerra"; e a opinião exarada unanimemente no mesmo sentido pela Sexta Conferência Panamericana, em 1928.

As fotografias publicadas neste número são das seguintes procedências: Capas e contracapas, respectivamente—Acme, Acme, PA, Acme. Páginas do texto: 2, Pictograph, Acme, 3, PA, Dept. INP, 4, 5, Acme, 6, INP, H & E, PA, 7, INP, 8, Dept. de Agric. dos E.E.U.U., 9, BAI, 10, Dept. de Agric., 11, Marjorie Ashworth, 12, BAI, 13, BAI, Acme, 14, Standard Oil, BAI, 15, Acme, BAI, 16, Eliot West, 18, Acme, INP, 19, INP, 21, Eliot West, 24, Acme, 25, Acme, Harris & Ewing, 26, INP, 29, BAI, PA, 30, PA, 31, Acme, 32, Marinha dos E.E.U.U., 33, PA, 34, Acme, 35, PA, Acme, 36, Acme, INP, 37, Acme, 38, Acme, INP, 39, Harris & Ewing, PA, Acme, 40, Acme. Chave das abreviaturas: BAI, Bureau de Assuntos Interamericanos, PA, Press Association.

